

Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Coordenação Editorial

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

Design gráfico

Paulo Freitas

Desenhos da capa e contracapa

Motivos da Lapa dos Gaivões, Painel 6. © Andrea Martins

Impressão

Greca, Artes Gráficas

Tiragem

400 exemplares

ISBN

978-989-35672-3-4

Depósito legal

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

4

Prefácio

José Morais Arnaud

8

In memoriam Andrea Martins

Mariana Diniz

14

O universo feminino na arte rupestre portuguesa e os rios da sua memória

Sofia Figueiredo-Persson

48

Arte Rupestre Portuguesa no Feminino

Joana Valdez-Tullett

94

Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Miguel Almeida, Sílvia Aires, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre

146

Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

André Tomás Santos, Tania Mosquera Castro, João Fernandes, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry, Miguel Almeida

178

O projecto LandCRAFT e a Arte Esquemática do Vale do Côa

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, João Muralha Cardoso, Vera Caetano, Beatriz Comendador Rey, Bárbara Carvalho, Susana Lopes, Teresa Silva, Fernando Carrera Ramírez, Teresa Rivas Brea, Andrew Meirion Jones, Hannah Sackett, António Batarda Fernandes, José Santiago Pozo Antonio, Pablo Barreiro, Sérgio Gomes

220

As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa).

Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro

Mário Varela Gomes

264

Revisitando o Monte Faro (Valença do Minho): um extraordinário complexo de Arte Atlântica do Noroeste peninsular

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, Joanna Valdez-Tullett

286

Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

Antonio Batarda Fernandes, Rosiclér Theodoro da Silva, Julio Cezar Rubin de Rubin, Fernanda Elisa Costa P. Resende, Claudete Radel, Maira Barberi

306

Os Arquivos da Arte Rupestre do Tejo

Francisco Sande Lemos

330

Andrea Martins. Biobibliografia

César Neves

Prefácio

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



No dia 22 de Junho de 2024 deixou-nos Andrea Martins, que fez parte da Associação dos Arqueólogos Portugueses desde o dia 14 de Dezembro de 2004 e integrou os seus corpos gerentes durante os últimos 6 anos, tendo dado uma contribuição do maior relevo para a dinamização desta instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, quer no âmbito das actividades da Secção de Pré-História, contribuindo para o seu funcionamento regular, quer ainda organizando diversos colóquios temáticos, estabelecendo a ponte entre os arqueólogos mais experientes e as novas gerações. A sua contribuição tornou-se especialmente relevante nos últimos dez anos, tendo desempenhado um papel fundamental na organização da Festa da Arqueologia e sobretudo dos Congressos de Arqueologia da AAP de 2013, 2017, 2020 e 2023, nos quais foram apresentadas e publicadas centenas de comunicações, mobilizando toda a comunidade arqueológica. Como membro da Direcção da AAP assumiu com grande eficiência a coordenação das publicações da AAP, em estreita colaboração com César Neves.

Além desta intensa actividade associativa, a Andrea destacou-se sobretudo pelas suas qualidades humanas e pelo trabalho que desenvolveu como investigadora no domínio da Arte Pré-Histórica, revelando um conjunto muito vasto de representações artísticas, que estudou de uma forma inovadora, quer do ponto de vista metodológico, quer sobretudo da abordagem teórica.

A Direcção da AAP decidiu, assim, que a melhor forma de homenagear uma arqueóloga cuja promissora carreira como investigadora foi precocemente cerceada, seria através da organização de um Colóquio sobre Arte Rupestre, em que se apresentassem os resultados das mais recentes investigações nesse domínio. Foram assim convidados a apresentar comunicações autores já com um vasto currículo, bem como investigadores das gerações mais recentes, envolvidos em projectos de longo prazo, alguns dos quais ainda em fase de arranque, que também a incluíam como investigadora. Felizmente, a resposta foi bastante positiva, pelo que pudemos incluir no volume que agora se apresenta as contribuições de cerca de três dezenas de autores, que representam o estado da arte neste domínio, constituindo um excelente ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações.

Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa

**Thierry Aubry¹, André Tomás Santos², Miguel Almeida³, Sílvia Aires⁴,
António Fernando Barbosa⁵, Luís Luís⁶, Marcelo Silvestre⁷**

¹ Fundação Côa Parque / UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | ORCID:
0000-0003-0071-3361 / thierryaubry@arte-coa.pt

² Secção de Arqueologia do DHEEAA da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CEAACP -
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | ORCID: 0000-0001-9937-6523 |
uc47625@uc.pt

³ Dryas / Octopetala / UNIARQ - Cento de Arqueologia da Universidade de Lisboa | ORCID: 0000-0002-
6869-4200 / miguel.almeida@dryas.pt

⁴ Fundação Côa Parque / Dryas / Octopetala / silviayres@hotmail.com

⁵ Fundação Côa Parque / afqbarbosa@sapo.pt

⁶ Fundação Côa Parque / UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | ORCID:
0000-0002-1022-6367 / luisluis@arte-coa.pt

⁷ Fundação Côa Parque / marcelosilvestre@arte-coa.pt

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Resumo: Em 1999, uma sondagem em frente à rocha 1 do sítio do Fariseu, num meandro do Rio Côa, revelou pela primeira vez a existência de depósitos com vestígios do Paleolítico Superior em relação estratigráfica direta com um painel gravado de figuras atribuíveis estilisticamente ao Paleolítico. Esta conjugação única de fatores antrópicos e naturais na constituição e conservação do registo geoarqueológico, que permitiu a preservação de arte no seu contexto paleoambiental, voltou a identificar-se em 2020, durante a realização de sondagens frente à rocha 9, localizada a uma centena de metros a montante. Como aconteceu com a realização de sondagens na área da rocha 1, os trabalhos realizados em 2020, 2021 e 2022 permitiram documentar e interpretar o registo gráfico da quase integralidade do painel, avaliar a sua homogeneidade estilística e técnica, datar e interpretar a sequência geoarqueológica e definir várias fases da sua degradação por *toppling*, estabelecendo desta vez uma possível relação direta entre gravuras e vestígios líticos encontrados na unidade estratigráfica 5.

Palavras-chave: Vale do Côa; Arte paleolítica; Contexto arqueológico.

Abstract: In 1999, a survey in front of panel 1 from Fariseu, in a meander of the Côa River, revealed for the first time the existence of deposits containing remains from the Upper Paleolithic in direct stratigraphic relationship with an engraved panel of figures stylistically attributable to the Upper Palaeolithic. This unique combination of anthropic and natural factors in the formation and preservation of the geoarchaeological record, which allowed the preservation of art in its paleoenvironmental context, was identified again in 2020, during surveys in front of panel 9, located a hundred meters upstream. As occurred with the surveys in the area of panel 1, the work carried out in 2020, 2021 and 2022 made it possible to document and interpret the graphic record of almost all the panel, evaluate its stylistic and technical homogeneity, date and interpret the geoarchaeological sequence and define various stages of its degradation by *toppling*, establishing a possible direct relationship between the representations and the lithic remains found in stratigraphic unit 5.

Keywords: Côa Valley; Paleolithic art; Archaeological context.

A descoberta das pinturas da gruta espanhola de Altamira em 1879 (Sanz de Santuola, 1880) gerou uma intensa discussão acerca da capacidade dos humanos da Idade do Gelo para produzir imagens realistas de animais na ausência de luz natural, assim como da possibilidade da sua preservação até ao presente. A discussão terminou em 1902 (Cartailhac, 1902), após a descoberta em 1899 de uma lâmpada gravada com uma cabra-montês, numa camada com ocupação paleolítica na entrada da gruta de La Vache (Dordogne, França), semelhante a uma gravura detetada no interior da cavidade (Rivière, 1897).

Os métodos utilizados para datar as pinturas e gravuras preservadas no interior de grutas foram novamente questionados na década de 1990, quando começou a ser utilizada a datação direta por radiocarbono (^{14}C) de carvões utilizados para fazer as representações (Lorblanchet e Bahn, 1993; Valladas *et al.*, 1992; Clottes *et al.*, 1992) e, mais recentemente ainda, quando foi proposta uma autoria neandertal de pinturas em grutas espanholas suportada na datação por Urânio-Tório (U-Th) de espeleotemas depositados posteriormente (Pike *et al.*, 2012). As discussões relacionam-se com a contemporaneidade do carvão datado por ^{14}C com o momento da realização das pinturas a negro no caso da gruta Chauvet (Pettitt e Bahn, 2015) e com o problema metodológico da datação dos espeleotemas por U-Th para estabelecer uma data mínima das pinturas das grutas espanholas (White *et al.*, 2020).

Em 1981, ainda antes deste debate e um século após a descoberta de Altamira, havia sido proposta a possibilidade de que populações paleolíticas também tivessem produzido representações em rochas ao ar livre, no que diz respeito a um cavalo profundamente gravado num painel vertical de rocha xistenta em Mazouco (Freixo de Espada à Cinta) com semelhanças estilísticas com a arte das grutas atribuída ao Paleolítico Superior (Jorge *et al.*, 1981). Durante a década de 1990, a descoberta de arte rupestre ao ar livre em afloramentos metamórficos de idade paleozoica multiplicou-se em Espanha e Portugal, mas também nos Pirenéus Orientais franceses (Sacchi, 2002).

Em 1994, foi divulgada a descoberta da arte do Vale do Côa, ocorrida em 1991, durante a construção de uma barragem hidroelétrica. Realizadas sobre diáclases verticais de rocha metamórfica câmbrica, resultantes do final da orogenia hercínica, estas representações foram primeiramente datadas através de comparação estilística. Ainda assim, alguns duvidaram da atribuição desta arte de ar livre ao Paleolítico Superior, prolongando desta forma o debate de Altamira.

A datação direta por radiocarbono do carvão usado sobre representações pintadas no interior de grutas torna-se impossível nas gravuras ao ar livre e todas as tentativas de datar vestígios orgânicos preservados sobre as superfícies gravadas se revelaram incongruentes (Zilhão, 1995). Até ao momento, não dispomos de nenhum método fiável de datação direta de gravuras, seja em gruta ou ao ar livre, sendo a idade de datação e gravuras estimada através da comparação com representações realizadas com carvão, datada diretamente

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



através de ^{14}C , ou arte móvel e blocos destacados de parede contendo representações, encontrados em contextos estratigráficos datados.

Depois da descoberta da arte do Vale do Côa, as prospeções e escavações arqueológicas na região demonstraram a existência de um contexto arqueológico de várias fases do Paleolítico Superior. Revelou-se uma densa concentração de sítios ao ar livre no interior da Península Ibérica, com vestígios que atestam ocupações humanas desde o Paleolítico Médio, passando pelo fim do Aurignacense, até ao final do Pleistocénico, que foram datados por termoluminescência, luminescência e radiocarbono (Zilhão, 1997; Valladas *et al.*, 2001; Mercier *et al.*, 2006; Aubry *et al.*, 2020b).

A correlação entre as fases da ocupação humana e da arte rupestre foi primeiramente estabelecida em 1998, através da identificação de um conjunto de picos em quartzito no seio de uma camada gravettense do sítio de caça da Olga Grande 4 (Aubry, 2001; Plisson, 2009), cujas extremidades polidas em forma triangular produzem impactos em tudo semelhantes aos comumente identificados na arte do vale. No entanto, a relação direta entre o registo da ocupação humana paleolítica da região e da sua arte rupestre só foi atestada em 1999, a partir de vestígios arqueológicos identificados em depósitos que cobriam as 88 representações da rocha 1 do Fariseu (Aubry e Baptista, 2000; Santos, 2019).

1. A rocha 1 do Fariseu: estudar a arte e o seu contexto

A escavação que evidenciou a referida relação direta entre a arte paleolítica ao ar livre e o seu contexto geoarqueológico, um ano depois da inscrição das gravuras paleolíticas do Baixo Côa na lista do Património Mundial da UNESCO (Aubry e Baptista, 2000; Aubry, Luís e Sampaio, 2006), só foi possível pelo abaixamento temporário do nível da albufeira da barragem do Pocinho, que desde 1983 submerge os últimos quilómetros da bacia do Rio Côa.

A sondagem realizada junto ao painel 1 do Fariseu (**Figura 1**), cujas gravuras do topo tinham sido detetadas numa prospeção realizada em outubro de 1995, revelou, sob sedimentos recentes acumulados desde a construção da enscadeira do projeto de barragem do Baixo Côa, uma sequência de depósitos de vertente e aluviais que cobria um painel vertical, intensamente gravado, no qual se identificaram 88 motivos figurativos (Aubry e Baptista, 2000; Baptista, 2001a, 2001b; Aubry, Santos e Luís, 2014; Santos, 2019: 601-619). A frescura dos traços claros, contrastando com o fundo cinzento-escuro da rocha que aparecia por baixo dos sedimentos, e a notável profusão de figuras, eram complementadas por novidades ao nível do bestiário, como o surgimento da camurça. A rocha destacava-se ainda pela presença de auroques machos, cuja existência entre os painéis com figuras morfologicamente semelhantes só estava atestada na rocha 1 da Quinta da Barca (Santos, 2019: 443-453) e na rocha 1 da Canada do Inferno, desta feita, apenas sob a forma incisa (Baptista



Figura 1 – Perspetiva tridimensional da implantação das rochas 1 (escavada em 1999, 2005 e 2007) e 9 (2020, 2021 e 2022) no meandro do Fariseu, no contexto dos sítios de arte rupestre e de habitat do Baixo Côa.

e Gomes, 1997) e de várias figurações de camurças, até então ainda não identificadas na arte do Côa.

Na camada 4, que cobria dois terços da superfície gravada, apareceu uma ponta de dorso curvo durante a escavação de 1999, idêntica às encontradas em sítios do centro de Portugal e na camada 3 da Quinta da Barca Sul, datada de há cerca de 12.000 anos por termoluminescência (Aubry, 2009; Valladas *et al.*, 2001). Nesta unidade estratigráfica foram descobertos ainda os dois primeiros exemplares de arte móvel figurativa conhecidos no vale (García Díez e Aubry, 2002).

As datações por termoluminescência (TL) de blocos de quartzo e quartzito utilizados em fogueiras e pelo método da luminescência (OSL) dos sedimentos de várias camadas em contacto com a rocha 1, obtidas em 2005, enquadravam-se todas no Tardiglaciar, entre os cerca de 12.000 anos do topo da sequência (c4) e os 18.400 do fundo (c8), passando pelos 14.000-15.000 das camadas intermédias (c5 e 6) (Mercier *et al.*, 2006). A atribuição tipotecnológica da camada 4 encontrava-se assim confirmada pelas datações então conhecidas.

Em 2005, uma nova campanha de escavação no sítio conduziu à descoberta de restos de fauna no limite oposto da área escavada em 1999 e permitiu obter outros dados sobre a cronologia da ocupação humana do sítio através de datações radiocarbónicas, com a obtenção das datas de 10.510 ± 40 BP (Beta - 213130) e 9.830 ± 130 BP (Ua - 32645) sobre dois fragmentos de osso encontrados na unidade estratigráfica 4 (Aubry, Sampaio e Luís, 2009) que, calibradas, são equivalentes às datas obtidas por termoluminescência e luminescência (Mercier *et al.*, 2006). A amostra Beta-213130 foi objeto de uma análise elementar no Instituto Tecnológico e Nuclear de Lisboa (EA-1110 CHNS-O) que revelou percentagens elementares de 0,93 (N) e 3,98 (C), no limite do

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



intervalo do rácio C/N (2,9-3,6) aceite para a obtenção de resultados fiáveis. A amostra Ua-32645 não foi objeto desta pré-análise do teor C/N.

Estas escavações revelaram também que as duas primeiras peças de arte móvel desta camada faziam parte de uma série da qual se conhecem hoje 85 peças gravadas e quatro pintadas (Santos *et al.*, 2018).

Durante os trabalhos do mesmo ano, a descoberta de um bloco com uma superfície de diáclase marcada por impactos triangulares na unidade 7, junto à base da rocha 1, constituiu um primeiro indício de que a parede rochosa poderia ter sido gravada antes da deposição desse depósito, que já não se sobrepunha às figuras gravadas na base do painel. As características geológicas e a organização espacial dos clastos das unidades 7 e 8 foram interpretadas como resultantes de uma fase de desagregação da parede sob o efeito dos ciclos de gelo e degelo (Sellami, 2009), conhecida noutras regiões como fase fria do Dryas antigo / *Heinrich Event 1* / *Greenland stadial 2.1*, o que é compatível com a datação por luminescência de 18.400 ± 1600 BP obtida sobre quartzo (Mercier *et al.*, 2006).

A campanha de escavação em 2007 veio confirmar a hipótese da gravação da rocha antes da deposição das unidades 7/8, graças à descoberta, na base da unidade estratigráfica 8, de um outro fragmento da rocha gravada, desta feita apresentando a extremidade do focinho de um dos auroques da rocha. Este achado demonstrou que algumas das figuras foram gravadas anteriormente ao evento de deterioração por crioclastia do afloramento rochoso, detetado sob a forma de depósitos de vertente nas três áreas sondadas.

Além desta idade mínima, uma data de 19.020 ± 80 BP (Gra-40167), obtida pelo método AMS a partir de um fragmento de carvão recolhido num depósito aluvial que constitui a base da sequência preservada na parte central do sítio (correspondendo a c. de 22.500-23.000 anos calibrados), atesta uma passagem no *Greenland Interstadial 2.1*, no fim do Solutrense, sendo possível a existência de uma outra, mais antiga, mas não datada.

Depois da campanha de escavação de 2007 no Fariseu, a fase mais antiga da arte do Côa podia ser atribuída a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio (Santos, 2019; Santos *et al.*, 2021: 112). Esta atribuição sustentava-se: no contexto arqueológico da região (Aubry, 2009; Aubry *et al.*, 2020); no estudo da relação entre a estratigrafia gráfica da rocha 1 do Fariseu, a sequência sedimentar e os ciclos de deposição/erosão conhecidos nos vários sítios do Baixo Côa (Aubry, Santos e Luís, 2014); na comparação entre alguns dos impactos da rocha 1 da Canada e o estudo traceológico dos picos de quartzito provenientes da camada 3 do sítio de Olga Grande 4 datada de cerca de 30.000 BP (Plisson, 2009; Aubry, Luís e Sampaio, 2011); no estudo da relação entre a localização dos painéis e a reconstituição da topografia antiga do preenchimento sedimentar do fundo do vale (Santos, 2019; Aubry *et al.*, 2020a); e na comparação estilística com outros sítios do Sudoeste europeu (Guy, 2000; Zilhão, 2003; Santos, 2019).

Contudo, apesar de todos estes argumentos, só se encontrava inequivocamente provado que as figuras gravadas da rocha 1 do Fariseu, com caracterís-

ticas atribuídas à fase antiga da arte do Côa, são anteriores ao Dryas antigo / *Heinrich Event 1* / *Greenland Stadial 2.1*, com base nas características texturais, pedológicas e na data de 18.400 ± 1.600 BP da unidade estratigráfica 8.

2. Novas sondagens à procura do contexto da arte magdalenense

Alem das dúvidas que persistem sobre a cronologia exata da (ou das) fase(s) antiga(s) da arte do Côa, faltava ainda precisar a cronologia e o contexto das fases intermédias, situadas entre a dita fase antiga e a arte azilense, caracterizada pelas representações sobre suporte móvel e rupestre e identificada num contexto datado da unidade 4 da rocha 1 do Fariseu (Santos *et al.* 2017; Santos, 2019: 195). Sendo seguro o seu posicionamento cronológico entre estes dois extremos, graças à estratigrafia parietal de algumas rochas e à análise geoarqueológica de alguns setores do vale (Santos, 2019), estas fases continuam, no entanto, datadas essencialmente por comparação estilística com outros sítios europeus (*idem*: 175-191). Tal deve-se sobretudo à ausência na região de registos sedimentares contemporâneos do Solutrense e do Magdalenense, apesar de algumas peças diagnóstico e datações TL confirmarem a presença humana (Zilhão, 1997; Aubry, 2009; Aubry *et al.*, 2011).

As sondagens realizadas em 2018 no sítio da Penascosa revelaram a possível preservação de depósitos anteriores aos eventos erosivos do início do Holocénico, protegidos pela queda de fragmentos dos afloramentos rochosos, no limite da planície aluvial. As sondagens revelaram também, como era expectável no modelo proposto, a existência de rochas gravadas com motivos atribuíveis estilisticamente ao Magdalenense recente, recobertas por depósitos aluviais holocénicos modernos (Aubry *et al.*, 2021). Os trabalhos que foram realizados no âmbito do projeto PALÆOCÔA apontavam para o facto dos eventos erosivos que se atestam no vale não terem sido tão intensos no Fariseu, devido ao efeito conjugado da configuração do seu meandro, da orientação das diáclases que aí se encontram e da conseqüente diminuição da dinâmica hídrica nas reentrâncias da vertente. Como tal, havia a possibilidade de o sítio ter conservado parte dos depósitos que haviam sido destruídos noutros setores do vale localizados a montante, designadamente os de cronologia magdalenense, por efeito dos referidos eventos erosivos.

Em consequência, os trabalhos de 2020 no Fariseu focaram-se na frente da rocha 9, detetada em 1999, e na qual se distinguia um único traço picotado (**Figura 1**). Concorria para esta escolha, o facto de em volta dele se localizarem várias rochas gravadas com motivos atribuídos ao Magdalenense (Santos, 2019), a topografia da vertente apresentar aqui uma reentrância resultante da orientação das diáclases que afetam a rocha-base e várias árvores denunciarem a existência de potência sedimentar. Por outro lado, pese embora a área se inunde regularmente durante as cheias provocadas pela persistência da ensecadeira do projeto de barragem do Côa (Luís, 2018), como se encontra

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



a uma cota superior à da rocha 1, ela é acessível sem ser necessário o abaixamento do nível de c. de 125,5 m da albufeira do Pocinho (**Figura 1**).

A sondagem da área 1, realizada no sentido da vertente e em direção ao Côa, permitiu observar a organização dos depósitos ao longo da vertente e, num mesmo contexto geomorfológico, revelar uma sequência estratigráfica composta por unidades que apresentam fortes semelhanças com as identificadas em 1999 na área da rocha 1. Os depósitos, com uma inclinação de cerca de 30-40°, resultam de processos aluviais de fraca energia e, na vertente, do tipo de escorregamento translacional de clastos e sedimentos finos provenientes da fracturação e meteorização dos afloramentos, constituídos por filitos da formação de Desejosa (Sellami, 2009). A deposição de unidades constituídas essencialmente por silts e areias está relacionada com uma diminuição da dinâmica hídrica na área côncava da vertente durante episódios de cheias, seguidos de processos de transporte ao longo da vertente, sendo os depósitos de vertente alimentados por fragmentos de rochas resultantes dos ciclos de gelo/degelo, cuja deslocação é facilitada pelo degelo sazonal da parte superficial do solo. Estes processos de vertente estão mais desenvolvidos durante a fase fria do Dryas antigo / *Heinrich Event 1* / *Greenland Stadial 2.1* (Aubry *et al.*, 2011; Dimuccio *et al.*, 2022), resultando a formação de depósitos constituídos essencialmente de clastos.

À semelhança da área a jusante, a porção superior (Unidade Estratigráfica 1) resulta de várias fases de cheias inverniais acumuladas desde 1995, motivadas pela incapacidade de escoamento de caudais superiores a 21,23m³/s do túnel de derivação da ensecadeira de montante do projeto de construção da barragem do Côa, que se mantém ativo (Luís, 2018). A UE 2 corresponde a depósitos de vertente constituídos por clastos de filitos com uma matriz caracterizada por uma importante componente orgânica, resultante da deposição dos solos formados pela antropização das plataformas sobrejacentes e de sedimentos finos depositados pelas cheias mais importantes. As unidades estratigráficas 3a, 3b e 4, resultam da combinação dos dois processos, aluviais e coluviais, o que dá origem a pequenos patamares cuja topografia é condicionada pela morfologia da rocha-base e pela inclinação da vertente. A componente argilosa, no revestimento da parte superior das placas de filito ou na matriz depositada durante as cheias, revela graus distintos de evolução do solo, desenvolvidos sob os sedimentos aluviais finos e ricos em matéria orgânica. A UE 3a/b resulta de um episódio mais intenso de acreção aluvial onde foram depositados silts e areias.

A sondagem revelou a existência de vestígios arqueológicos em todas estas unidades estratigráficas. A unidade 1 contém objetos recentes (por ex. fragmentos de plástico) resultantes das cheias provocadas pela ensecadeira do projeto de barragem do Baixo Côa. Na base da unidade 2 identificaram-se termoclastos de quartzo, lascas de quartzo leitoso, fragmentos de mó manual em granito e raros fragmentos de cerâmica manual. A UE 3a forneceu cinco cristais de quartzo leitoso com preparação das duas extremidades. Um dos

núcleos apresenta vários levantamentos lamelares que indiciam a utilização da técnica da pressão. A dimensão das lamelas e a utilização desta técnica concorrem para uma atribuição ao Neolítico pleno ou antigo. A projeção horizontal dos núcleos lamelares no corte indica o seu posicionamento na porção superior da UE 3a. A ocupação anterior, associada à camada de origem aluvial 3a/b, é testemunhada por lascas e núcleos, dois dos quais para produção lamelar e obtidos a partir do mesmo bloco de quartzo rolado, que pudemos remontar. Os raros vestígios encontrados nas camadas 3b e 4 não eram diagnósticos, correspondendo a seixos de quartzo testados, aparentemente para a preparação/configuração de núcleos.

O registo sedimentar da rocha 9 e as sondagens realizadas não evidenciaram vestígios que pudessem revelar um contexto arqueológico equivalente aos vestígios de ocupação azilense (Santos *et al.*, 2018) registados nas três sondagens da área junto à rocha 1. Por outro lado, a crivagem com água revelou que os vestígios de menor dimensão deverão ter sido afetados e deslocados pela erosão pós-deposicional dos depósitos originais.

O único traço picotado da rocha 9 que se via à superfície correspondia afinal à garupa de um auroque macho, com cerca de 3,6 m de comprimento e orientado para a esquerda. Trata-se do maior motivo exclusivamente gravado conhecido na arte paleolítica do Sudoeste europeu.

Para a direita desta parte do painel (A), identificou-se um outro cuja organização, morfologia e dimensão das figuras o distingue do anterior (B).

O grande auroque do painel da esquerda encontra-se coberto apenas pela UE 3a, com o membro anterior a poucos centímetros da 3a/b. É preciso notar que a UE 3a/b não foi identificada junto a este painel.

Já parte do painel direito não só se encontrava debaixo da UE 4, como na base desta camada se encontraram diversos fragmentos gravados da rocha (cf. **Tabela 4**). Um deles, encontrado no interior da referida UE, foi possível remontar na parte superior do painel gravado (B) (**Figura 2**).

Com base nas observações efetuadas em 2020, era possível estabelecer que este painel começou a ser gravado antes da deposição da UE 4, mas ficava por esclarecer se isto teria acontecido diretamente a partir do substrato rochoso ou de um solo, constituído por depósitos, entretanto desaparecido, tal como ocorreu na rocha 1 (Aubry, Santos e Luís, 2014).

3. Mais dados sobre o contexto da(s) fase(s) antiga(s)

Os resultados obtidos não permitiam precisar o contexto e a cronologia das fases intermediárias da arte do Côa. As sondagens realizadas no ano seguinte aos primeiros trabalhos nesta área confirmaram a sequência cronoestratigráfica estabelecida em 2020 ao longo de toda a área atualmente colocada a descoberto e forte semelhanças com a sequência evidenciada descrita na área da rocha 1 (Sellami, 2009; Aubry *et al.* 2011; Dumuccio *et al.*, 2022).

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 2 – Remontagem da porção superior do painel B da rocha 9, durante a campanha de escavação de 2020.

Em 2021, a extensão da área escavada em direção ao rio Côa (**Figura 3**) confirmou a existência de vestígios líticos nas unidades estratigráficas 2, 3a, 3a/b e 3b, assim como a ausência de vestígios líticos diagnósticos e de arte móvel equivalente à rica ocupação azilense (Santos *et al.*, 2018), bem representada nas três sondagens da área da rocha 1, apesar das duas áreas escavadas apenas distarem entre si uma centena de metros.

As matérias-primas utilizadas e as características tecnotipológicas dos vestígios líticos encontrados em 2021 nas unidades 2, 3, 3a, 3a/b e 3b não são características de nenhuma das fases de ocupação humana identificada nos outros sítios da região. Com a exceção da lasca de quartzito encontrada num depósito atribuído à Unidade Estratigráfica denominada como 5 durante os trabalhos de campo, no quadrado G27, os vestígios das unidades 4 e 5 das áreas sondadas em 2021 eram constituídos unicamente por um termoclasto e por seixos que não apresentam quaisquer indícios de ação antrópica. Por outro lado, os testes de crivagem com água das unidades 3a/b e 4 confirmaram que os vestígios de menor dimensão não se encontravam representados.

Foram encontrados mais 10 fragmentos de painel com traços picotados ou incisos nas unidades estratigráficas 3a, 3b e 4. As peças BL24 e BL25, encontradas na unidade estratigráfica 4, foram remontadas entre si (**Figura 4**) dois meses depois da sua descoberta, durante o estudo dos materiais da campanha de 2021.



Figura 3 - Planta da área aberta e unidades estratigráficas escavadas durante as campanhas de 2020, 2021 e 2022 na área da rocha 9 do Fariseu.





Figura 4 - Remontagem da porção superior da rocha 9, painel B durante a campanha de escavação de 2020.

Nas peças BL24 e BL25 observa-se vários traços incisivos, entre os quais se encontram a cabeça e o bordo dorsal de uma cervã. Esta apresenta uma cabeça de tendência retangular, com bordo frontonasal reto e bordo ventral com ganacha convexa e queixo reto, encontrando-se o focinho em aberto. A cabeça é representada por duas orelhas definidas por dois bordos convergentes na extremidade distal (embora não se cheguem a tocar), observando-se ainda o olho – definido por um traço – no seu interior. O bordo cervico-dorsal apresenta uma configuração cônica, encontrando-se interrompido na zona da garupa. Abaixo da zona do dorso da cervã observa-se o que poderá ser a extremidade distal da orelha e um chifre de uma cabra-montês (semelhantes, por exemplo, aos de JE04-04 ou de CM07-05 do inventário de Santos, 2019). Um traço curvo sobre a dorso da cervã parece conformar, com um outro que converge para a sua garupa, a cervico-dorsal e o bordo traqueal do segundo animal, eventualmente identificado como cavalo.

A figura que mais se presta a uma análise detalhada é a da cervã, para a qual só se conhece um paralelo no Côa, mais especificamente na rocha 41 de Vale de Cabrões, atualmente em estudo. Fora da região, os paralelos encontram-se sobretudo na Cantábria, em grutas como Castillo (Alcalde, Breuil e Sierra, 1911), La Pasiega (Breuil, Obermaier e Alcalde, 1913) ou Covalanas (García e Eguizabal, 2007), em contextos que tradicionalmente são atribuídos ao So-

lutrense Superior ou Magdalenense antigo (e.g. Balbín, González e Alcolea, 2014), embora mais recentemente se admita o seu recuo até ao Gravettense (e.g. García e Eguizabal, 2007). Note-se que, embora paralelos muito claros para esta cervas sejam raros no Côa, não faltam na região paralelos com outras figuras daqueles sítios da Cantábria (e.g. Alcolea e Balbín, 2006; Santos, 2019). A datação da camada 4, de onde provêm estas peças, reveste-se assim de uma importância capital, não só para a arte do Côa, mas da região mais vasta do Norte e Noroeste peninsular.

As sondagens permitiram observar que a rocha gravada se prolonga ainda mais em direção do Côa, tendo sido colocados à vista três outros painéis gravados (D a F, **Figuras 5 e 15**).



Figura 5 – Figura Fro9-32 do painel F, no momento da sua descoberta.

4. A arte no seu contexto

Em 2022, no âmbito do projeto Climate@Còa, foram comunicados pelo Laboratório DTU Risø, na Dinamarca, os resultados das datações por luminescência (**Tabela 1**). As medições sobre quartzo e feldspato indicam que a unidade 3a/b se formou no início do Holocénico e que a unidade 4 deve resultar da degradação do afloramento rochoso. Este evento pode ser correlacionado com a fase fria descrita como *Heinrich Event 1 / Greenland Stadial 2.1*, atestada no registo oceânico e datada do intervalo 15-18 ka, de acordo com os resultados do estudo de micromorfologia que apontava por um ambiente claramente mais frio que o atual, coevo da deposição da unidade 4.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Tabela 1 – Datações luminescência obtidas para as unidades 3a/b, 4a e 4c.

N. Risø	Ref.	Profundidade cm	Quartzo			pIRIR			IR			Quartzo	Feldspato-K	Água %
			Idade	Dose	(n)	Idade	Dose	(n)	Idade	Dose	(n)	Dose rate	Dose rate	
												Gy	Gy	
212201	COALI-Far-OSL1	162	14,9 ±1,0	99 ±4	27 ±0,8	16,5 ±2	124 ±0,4	16 ±1,5	8,6 ±1,5	64,7 ±0,33	12	6,66 ±0,33	7,52 ±0,33	2
212202	COALI-Far-OSL2	214	11,2 ±0,7	77,2 ±2,7	45 ±0,7	14,0 ±2	109 ±0,5	17 ±3	9,5 ±3	73 ±0,33	12	6,90 ±0,33	7,76 ±0,33	4
212203	COALI-Far-OSL3	218	19,3 ±1,2	147 ±4	39 ±0,9	16,1 ±1	155 ±1,0	11 ±7	12,6 ±7	107 ±0,38	11	7,62 ±0,38	8,47 ±0,38	0

A escavação em extensão realizada em 2022 revelou uma continuidade com os conjuntos estratigráficos identificados em 2020 e 2021 e permitiu evidenciar a existência de subdivisões na unidade estratigráfica 4 diferenciadas em corte e durante a escavação (**Figura 6**, 4a, 4b, 4c e 4d), bem como a existência de mais duas unidades estratigráficas na base da sequência observada em 2020 e 2021 (**Figuras 7 e 8**). A unidade 5 é constituída por depósitos aluviais afetados por processos de remobilização por escoamento ao longo da vertente. Esta unidade contém menos clastos de xisto, distribuídos na matriz arenosa e siltosa, orientados no sentido da vertente. A unidade estratigráfica 6, com uma componente clástica mais importante, proveniente da deslocação na vertente, foi afetada por um processo erosivo de natureza aluvial caracterizada por pequenos elementos rolados de xisto.

A campanha de 2022 permitiu estabelecer ainda que os vestígios arqueológicos atribuídos à UE5, durante a campanha de 2021, correspondem de facto a vestígios de depósitos aluviais, preservados entre níveis de placas de xisto resultantes de várias fases de colapso de blocos provenientes da vertente e da rocha 9. Eles deverão, por isso, ser atribuídos à UE4c, onde foi recolhida a amostra datada pelo método da luminescência, com a referência 212203, com uma data de 19.300 ± 1200 , sobre quartzo, e de 16.100 ± 900 , sobre feldspato (**Tabela 2**).

A escavação de 2022 confirmou a ausência, na área escavada, de vestígios líticos e de arte móvel equivalentes à rica ocupação azilense que caracteriza a área da rocha 1 (Santos *et al.*, 2018) e a existência de vestígios líticos nas unidades estratigráficas, 3a, 3a/b e 3b, 4, 5 e 6 (**Tabela 3**).

A matéria-prima e as características tecnopológicas dos vestígios líticos encontrados nas unidades 3a, 3a/b e 3b não são diagnósticas e não indicam a utilização de matérias-primas alóctones. Os vestígios revelam a utilização de métodos de talhe para a produção de lascas, seguindo esquemas simples de debitagem, com plano de percussão único, frequentemente cortical, no caso da utilização de seixos. Os utensílios retocados são constituídos por lascas retocadas, entalhes e denticulados. Raros vestígios em quartzo listado, uma variedade de quartzo filoniano local, mas de melhor qualidade que o quartzo lei-

toso, atestam a existência de um objetivo de produção de lascas alongadas e de raras lamelas. Nenhum vestígio atesta a transformação no sítio destas lamelas e lascas alongadas produzidas nesta matéria-prima de melhor qualidade.

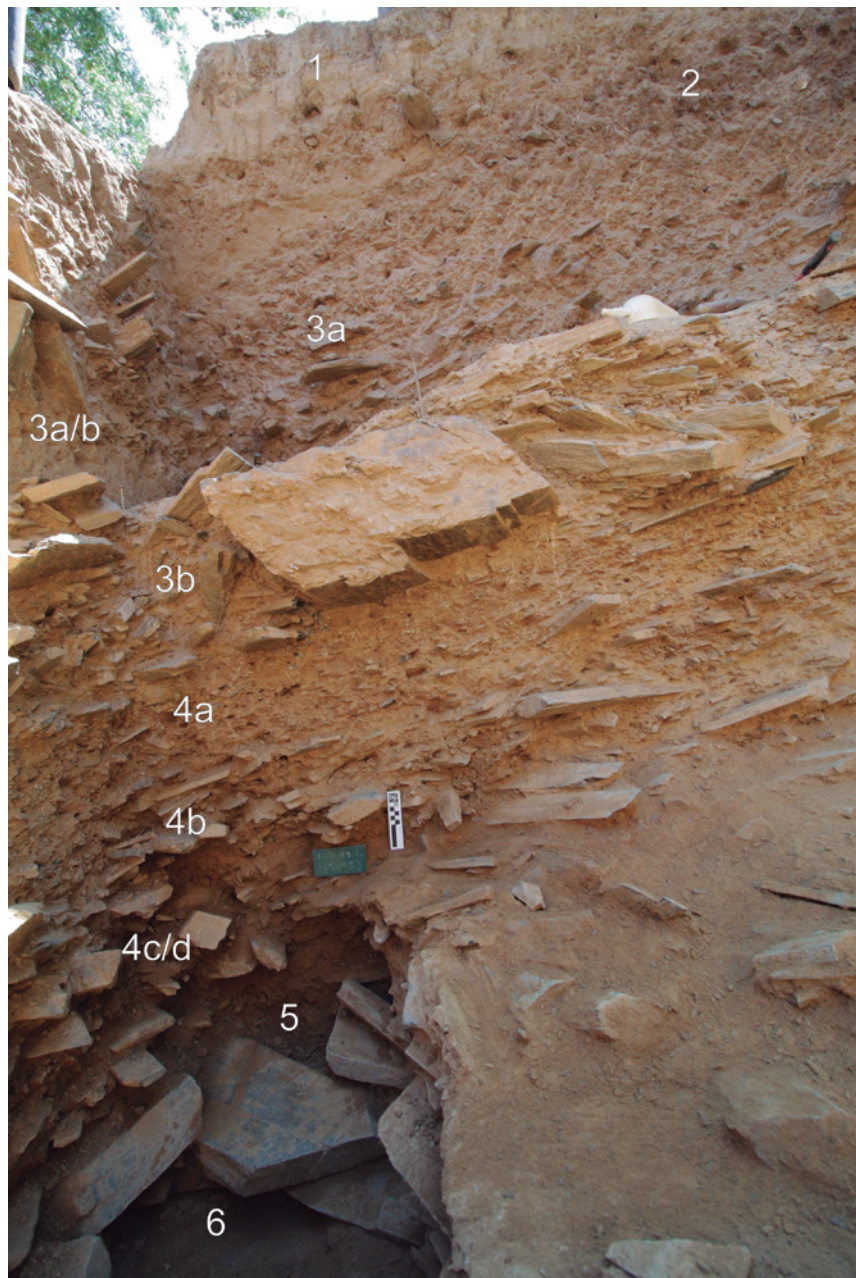


Figura 6 – Corte entre os quadrados H15 e H26 que permite diferenciar as subunidades na UE4 e as unidades 5 e 6, evidenciadas em 2002.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 7 – Topo da unidade estratigráfica 5 nos quadrados H/J-26.

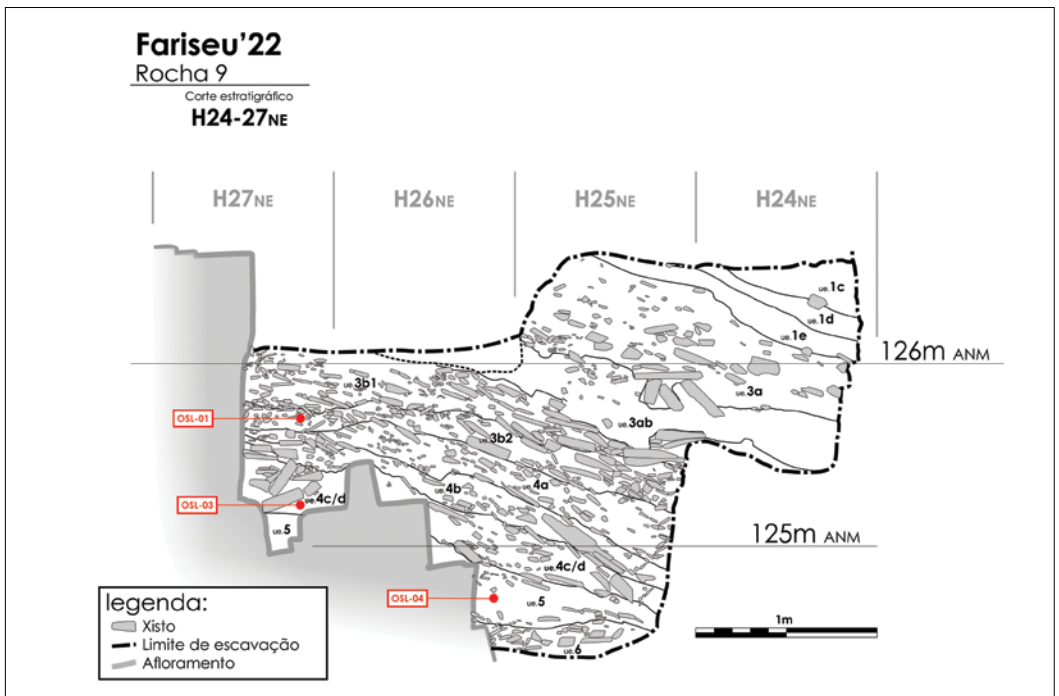


Figura 8 – Corte transversal à rocha 9.

Tabela 2 – Inventário dos vestígios líticos por unidade estratigráfica e matéria-prima provenientes das escavações de 200, 2021 e 2022 da área da rocha 9 do sítio do Fariseu.

UE	Matérias-primas													Totais											
	cerâmica	gabro	granito	grauvaque	J1	J5	J6	J10	J11	J13	J14	J15	J16		J18	J9	J9/xisto	K1	K2	pigmento	riólito	riólito?	xisto	indet.	
1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	3	
2 topo	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
2	8	2	19	23	-	1	2	13	1	-	1	-	-	-	119	-	9	21	-	-	-	55	-	274	
2 base	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	279
3	-	-	1	4	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	42	-	6	2	-	1	-	17	-	77	
3/3a	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
3a	-	-	15	3	-	-	3	20	3	4	-	-	-	2	221	-	4	9	1	2	1	64	-	352	
3a/b	-	-	2	1	1	-	2	5	-	-	-	-	-	2	73	-	-	7	1	-	-	40	1	135	
3b	-	-	10	2	-	-	2	4	-	-	-	1	-	-	108	1	2	12	-	-	-	30	1	173	
3c	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	-	1	-	9	747
3/4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
4	-	1	4	4	-	-	1	2	1	-	-	-	-	-	46	-	-	4	1	-	6	-	-	70	
4a	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
4a/b	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
4b	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	10	
4b base	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
4b/c	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3	
4c	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	38	-	-	1	-	-	-	16	-	-	58	
4d	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	3	-	-	14	159
5	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	1	-	70	-	-	4	-	-	1	10	-	-	89	
5 topo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	90
6	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	29	
Indet.	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Totais	9	3	53	39	1	1	1	13	51	6	5	1	3	5	784	1	22	61	3	3	2	244	2	1313	

Tabela 3 – Inventário dos Blocos com diáclase gravada, identificados em 2020, 2021 e 2022.

Ref.	Ano	Quadrado	x	y	z	UE	Diáclase		Xistosidade		Peso	Técnica
							Larg.	Alt.	Comp.			
							mm		g			
BL01	2020	H27	203,30	200,45	126,50	3a base	200	62	105	>2000	Incisão	
BL02	2020	H27	203,27	200,85	125,78	4	92	50	295	>2000	Picotagem	
BL03	2020	K27	203,55	203,01	126,60	4	65	18	162	294	Picotagem	
BL04	2020	F27	203,80	198,53	126,11	3a	69	27	57	223,4	Picotagem	
BL05	2020	H27	203,47	200,54	125,89	4	57	25	85	184,3	Picotagem	
BL06	2020	H27	203,45	200,29	125,86	4	65	21	70	164,1	Picotagem	
BL07	2020	H27	203,27	200,54	125,66	4	95	30	60	229	Picotagem	
BL08	2020	H27	203,45	200,78	126,21	3b	130	57	176	>2000	Picotagem	
BL09	2020	H27	203,62	200,17	125,46	4	325	70	357	>2000	Picotagem	
BL10	2020	K27	203,85	203,05	127,44	3b	84	35	256	1175	Picotagem	
BL11	2020	H28	204,01	200,01	126,62	3a	73	44	190	1142	Incisão	
BL12	2020	F27	203,13	198,91	125,73	4	-	-	-	>2000	Picotagem	
BL13	2021	H27	-	-	125,22	4	89	24	35	96,6	Picotagem	
BL14	2020	G27	203,19	199,30	125,39	4	285	110	292	>2000	Picotagem	
BL15	2020	F27	203,46	198,90	125,95	3b	69	25	460	1540	Picotagem	
BL16	2020	F27	203,46	198,90	125,95	3b	64,5	28,5	210	408,5	Picotagem	
BL17	2021	D27	-	-	-	3a	130	54	245	>2000	Picotagem	
BL18	2020	G26	202,18	199,42	126,30	3	200	89	198	1847	Incisão	
BL19	2021	F25	201,34	198,08	124,72	3b	94	29	290	1420	Picotagem	
BL20	2021	F27	203,54	198,73	125,97	3a	86,5	42	124,5	771	Picotagem	
BL21	2021	F24	202,19	198,61	124,80	4	93,5	16,5	220	654	Picotagem	
BL22	2021	F24	-	-	-	3b	63	18	110	150,6	?Abrasão	
BL23	2021	E25	201,51	197,98	124,10	4	86	43	365	>2000	Picotagem	
BL24	2021	F25	201,97	198,49	124,07	4	77	31,5	88	432,2	Incisão	
BL25	2021	E26	202,43	197,46	124,27	4	98,5	51	86,5	875	Incisão	
BL26	2022	H26	204,15	200,16	126,75	4b	125	72	300	>2000	Picotagem	
BL27	2022	H26	203,47	198,25	125,52	4b	36	62	37	262,45	Incisões	
BL28	2022	H26	203,47	198,42	125,65	4b	25	65	50	248,86	Picotagem; Incisão	
BL29	2022	H26	203,86	200,67	126,69	4c	50	65	70	625	Incisões	
BL30	2022	H26	-	-	-	4b	35	30	50	80,2	Incisões	
BL31	2022	G26	202,65	199,23	125,02	4b	13	61	250	303,48	Picotagem	
BL32	2022	G27	203,13	199,29	125,19	4	24	140	316	>2000	Picotagem	

Os resultados obtidos por luminescência de 11.200 ± 700 , sobre quartzo, e de 14.100 ± 700 , sobre feldspato, sugerem uma atribuição desta ocupação ao início do Holocénico, de acordo com as características tecnológicas, não diagnósticas, dos vestígios de indústria lítica.

Associados aos vestígios de pedra lascada, encontraram-se seixos de quartzo, quartzito e xisto não modificados, alguns deles queimados. Um dos seixos de xisto foi modificado e um dos seus bordos denticulado (**Figura 9**), por percussão, seguindo um processo idêntico ao observado para uma peça proveniente da unidade estratigráfica 4 da área da rocha 1 (Aubry, 2009).

Os vestígios de pedra lascada encontrados nas unidades estratigráficas 5 e 6 não são diagnósticos. Todavia, na unidade estratigráfica 5 foram encontrados vários seixos de quartzo que apresentam o mesmo módulo e uma morfologia semelhante (**Figura 10**). A utilização de réplica, com as mesmas características litológicas e morfológicas, permitiu a produção de impactos, pela técnica de percussão indireta, com a utilização de um percutor de osso ou madeira. A comparação dos impactos isolados preservados em algumas das figuras gravadas e o referencial experimental mostram que os seixos de quartzo podem ter sido utilizados para produzir impactos circulares, similares aos que foram observados em várias figuras que integram os painéis gravados da rocha 9 (**Figura 11**).

Nesta unidade estratigráfica foram ainda encontrados exemplares de pigmentos minerais que foram objeto de análises por DFX na Unidade de Microscopia Eletrónica na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Foram identificados picos correspondentes a quartzo, biotite, moscovite, birnessite, ilmenite e goetite (**Figura 12**). Estes pigmentos são originados pela goetite, um óxido de ferro hidratado que se forma por oxidação de minerais com ferro que fazem parte da mineralogia de rochas como a magnetite, hematite, pirrotite e pirolusite. Um dos fragmentos apresenta estigmas de raspagem numa das faces.

Os vestígios encontrados na unidade 6 perfazem um total de 29 peças, para uma área escavada de dois metros quadrados, todas produzidas sobre o quartzo local. Não são tecnologicamente diagnósticas de qualquer fase de sequência de ocupação humana conhecida da região (**Figura 13**). Na área reduzida em que foi escavada, esta unidade estratigráfica, não evidenciou qualquer núcleo ou utensílio retocado.

Os resultados do estudo de micromorfologia das amostras recolhidas em 2021 apontavam para a existência e importância dos processos de vertente, que indiciam a existência de um clima muito mais frio que o atual durante a deposição da unidade estratigráfica 4 (Dimuccio *et al.* 2022).

Com base nas observações de terreno realizadas no âmbito do projeto Climate@Côa foram definidas duas associações de fácies (Lacerda, 2022): sedimentos fluviais finos de margem de inundação, que podem preencher canais abandonados; geralmente intercaladas com sedimentos finos da margem de inundação em forma de lentes, lâminas, cunhas, que ocorrem como preenchimentos de canais, derrame de crevassa ou barras menores, interpretados

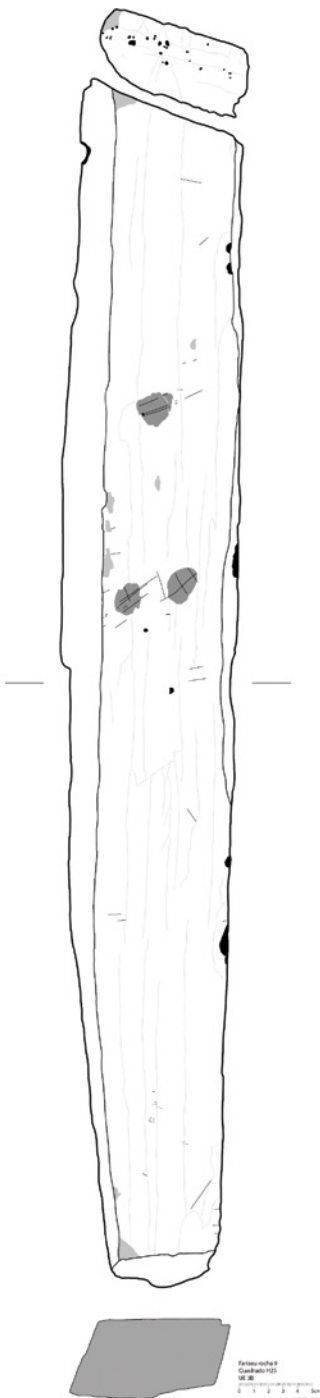
Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Rocha 9
do Fariseu:
contribuiu para
a datação e
contextualização
da arte do Côa

A)



B)



Figura 9 - A) Placa de xisto gravada (FAR R9-22, quadrado H25, Unidade Estratigráfica 3B) e B) Seixo de xisto denticulado (FAR R9-22, quadrado H25, Unidade Estratigráfica 3a/b).

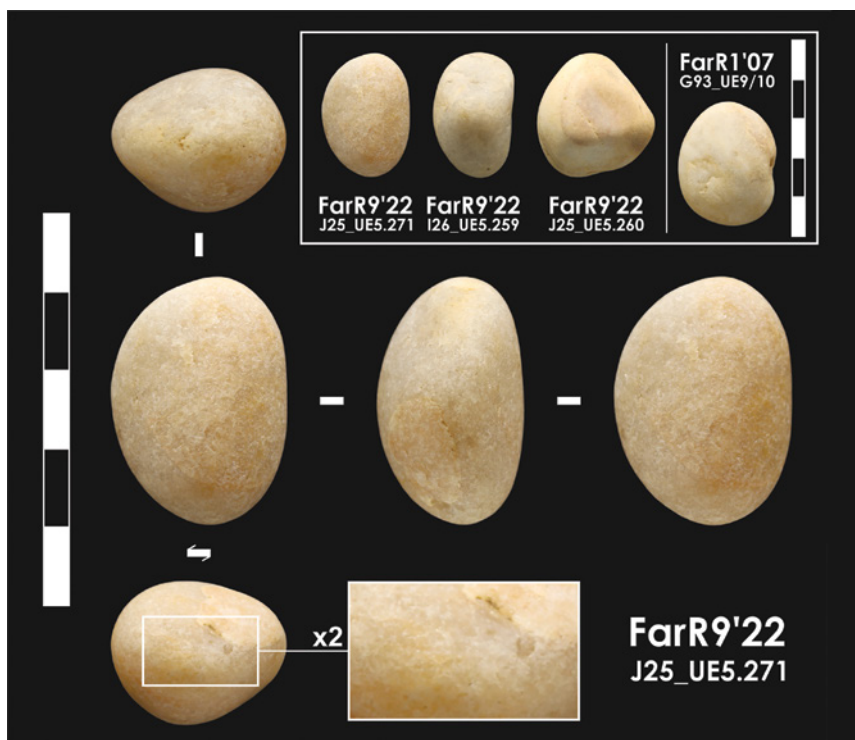


Figura 10 – Seixos de quartzo provenientes da unidade estratigráfica 5 da área da rocha 9 e um seixo de quartzito proveniente da unidade estratigráfica 9 do quadrado G93 da área da rocha 1, associado a uma data ^{14}C sobre carvão de cerca de 23.000 anos calibrado.

como depósitos aluviais relacionados a processos de escorrência de águas superficiais, posteriormente afetados por alterações pós-deposicionais (pedogênese e perturbações antrópicas).

As unidades mais antigas resultam de processos de fluxo gravitacional de natureza coluvial vinculados a fluxos de detritos ricos em clastos (elevada energia) ou pseudoplásticos (carga de fundo inercial, fluxo turbulento), solifluxão (sob condições de viscosidade variada, onde a matriz fina permite a suspensão e o deslizamento dos clastos), em associação com a escorrência de águas superficiais e, possivelmente, ciclos de congelamento e descongelamento.

As análises granulométricas e a determinação dos minerais argilosos confirmam uma clara subdivisão em, pelo menos, dois grupos em termos paleoambientais e paleoclimáticos. O mais antigo evidencia condições de uma certa instabilidade das vertentes sob clima frio, mas húmido, onde prevalece a meteorização química. Uma porção mais recente evidencia maior estabilidade das vertentes, sob condições climáticas ainda húmidas, mas mais contrastadas e com alguma sazonalidade, com prevalência da meteorização física. Esta passagem, considerando as atribuições geocronológicas disponíveis poderá estar relacionada com a transição Plistocénico/Holocénico (Lacerda, 2022).

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Rocha 9
do Fariseu:
contribuiu para
a datação e
contextualização
da arte do Côa



Figura 11 – Pormenor de impactos circulares detetados nos traços da figura 37 do painel G.

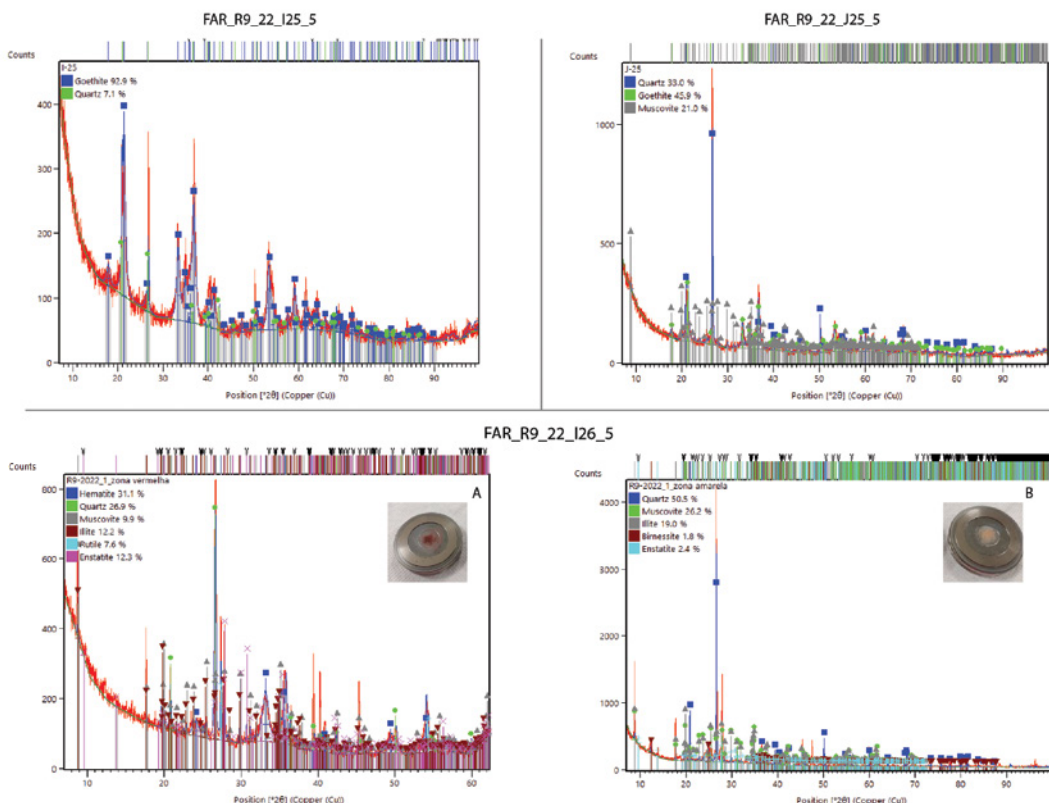


Figura 12 – Resultados das análises por DFX nas amostras de pigmento da UE5 da rocha 9 do Fariseu.

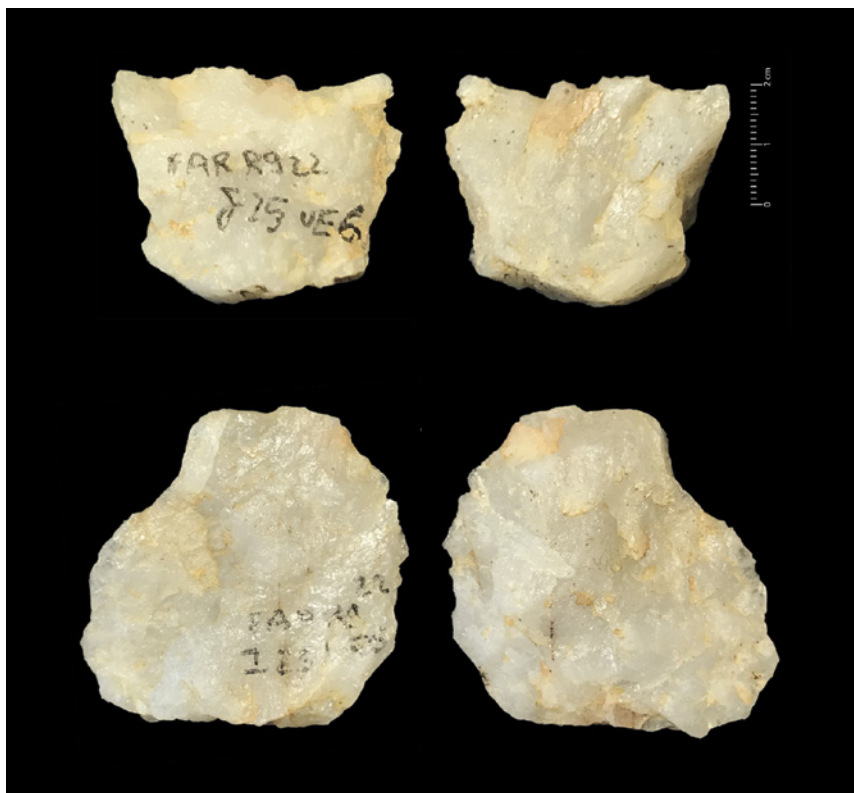


Figura 13 – Lascas de quartzo provenientes da unidade estratigráfica 6.

5. Registo gráfico do painel 9 do Fariseu

A metodologia seguida no estudo do dispositivo parietal da rocha 9 foi a mesma que se adotou na generalidade dos estudos rupestres do Côa (**Figura 14**), sendo esta assim como os critérios seguidos para a sua descrição recordados em outro texto deste volume (Santos, *et al.*, neste volume). Acrescente-se apenas que para a descrição dos cavalos se utilizou também a terminologia tradicional portuguesa (Cid, 1999) o mesmo ocorrendo no caso das cabras-monteses, pese embora essa terminologia se aplique às cabras domésticas (Serra, 1979).

A rocha 9, embora conhecida desde 1999, estava de tal forma coberta de sedimentos que apenas uma escavação aí realizada em 2020 veio a demonstrar todo o seu potencial. De facto, até essa data apenas se reconhecia um sulco picotado com cerca de 50 cm. As escavações vieram a revelar que esse sulco correspondia à garupa de um auroque macho com 3,6 m de comprimento, a maior figura exclusivamente gravada do Paleolítico Superior europeu. Mas, sobretudo, estas escavações vieram a revelar que outros 36 animais de dimensões mais modestas (aos quais de devem juntar outros quatro possíveis) se encontravam junto a este enorme auroque, dispersando-se por uma super-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Rocha 9
do Fariseu:
contribuiu para
a datação e
contextualização
da arte do Côa



Figura 14 - Decalque do painel B da rocha 9 e realização do levantamento topográfico do afloramento rochoso.

fície rochosa com mais de 9,5 m de comprimento (**Figura 15**). Todos estes animais foram obtidos por picotagem e abrasão, tendo-se identificado a incisão na representação de alguns detalhes, assim como uma possível figura gravada exclusivamente por incisão (ver *infra*). Foi possível remontar os blocos BLO8 (exumado na camada 3B) e BL12 (exumado na 4) na rocha.

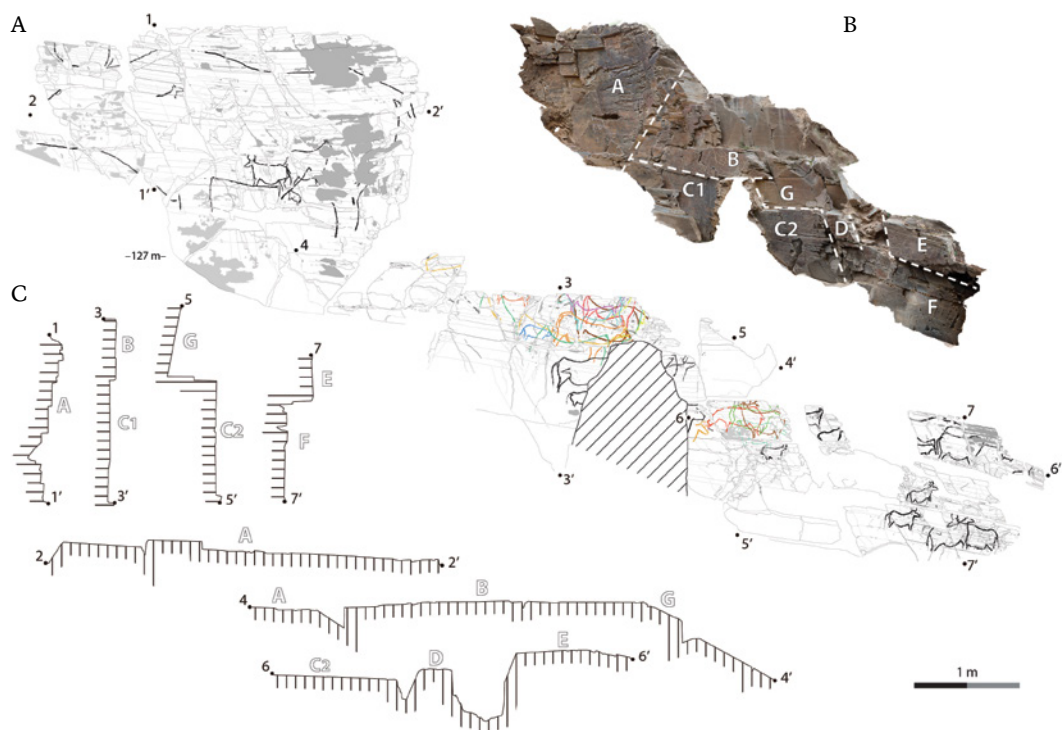


Figura 15 – Rocha 9: A) decalque; B) perspetiva tridimensional com indicação de painéis; C) perfis da superfície.

A maior composição da rocha encontra-se no seu sector esquerdo (painel A) (**Figura 16**), que apresenta uma atitude geral com direção N47°E e inclinação de 85°E. A composição aqui identificada distribui-se por vários painéis, sendo dominada por um auroque macho, orientado para a esquerda, definido por picotagem, abrasão e, pontualmente, por incisão (**Fro1-01**). Mede 3,60 m de comprimento por 1,86 m de altura, atravessando diversos painéis da rocha. Deste animal apenas falta a zona do chanfro, da cabeça restando a frente e a mandíbula, ambas retas. Dada a interrupção verificada na extremidade do queixo, em zona conservada da superfície original e cerca de uma fratura da rocha de direção diagonal relativamente ao desenvolvimento do queixo, julgamos que a ponta do focinho pode ter correspondido a aproveitamento de características naturais da rocha, como sucede em auroques machos da vizinha rocha 1 (Fro1-11 e Fro1-13, cfr. Santos, 2019: 604-606). No topo da cabeça reconhecem-se dois chifres dispostos em perspetiva biangular (não sendo possível verificar se reta ou oblíqua) separados por uma zona mais alteada da rocha que pode ter sido reinterpretada como marrafa; atrás do corno esquerdo observa-se uma orelha linear; no interior da cabeça, outra zona mais alteada da rocha parece configurar um olho natural de configuração ovoide e adossado à frente; bordo dorsal do tronco apresenta possante cernelha e dorso reto, encontrando-se a zona da garupa afetada por queda de placas, mas observan-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Rocha 9
do Fariseu:
contributo para
a datação e
contextualização
da arte do Côa

do-se a extremidade caudal desta que termina na única zona da cauda que se observa (a da inserção). A zona da nádega é arredondada e o único membro pélvico representado é definido por dois bordos curvos, paralelos entre si. Na zona inguinal observa-se a bainha peniana, terminada em aberto e definida na sua extremidade distal por incisão múltipla. O bordo ventral do tronco é reto, assim como os dois bordos que definem o único membro anterior representado. Uma barbela côncava e bem destacada liga a região da mandíbula ao peito convexo.

A zona entre o ventre e a virilha do auroque, sobrepõe um conjunto de três figuras picotadas. A que se gravou primeiro corresponde a uma cabra-montês orientada para a direita, cujos curtos chifres denunciam tratar-se de uma fêmea (**Fro9-04**). Da cabeça, para além dos referidos chifres, dispostos em perfil biangular oblíquo, observa-se uma orelha e parte da fronte, encontrando-se o resto desta região anatómica afetada por queda de placas. O bordo dorsal do tronco apresenta pescoço côncavo, dorso reto e garupa convexa; a cauda é definida por dois traços curvos divergentes entre si e algo tombados sobre a nádega convexa; o membro posterior é definido por dois bordos simples, observando-se no cranial a distinção entre a coxa e a perna; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; da pata dianteira



Figura 16 – Rocha 9, painel A.

apenas se observa o bordo caudal reto; do animal reconhece-se ainda o peito convexo e apenas parcialmente definido.

Sobre a zona da nádega/coxa do animal observa-se a inserção e troço da cauda de uma fêmea de auroque fêmea orientada na direção oposta (**Fro9-03**); a nuca, a extremidade do focinho, assim como a sua delimitação interna e narina foram delineadas por incisão múltipla, tendo o resto do animal sido obtido por picotagem e abrasão, embora se observe ainda, em diferentes regiões anatómicas do animal, os vestígios de incisão múltipla, possível esboço prévio do mesmo. No interior da cabeça observa-se ainda um olho em forma de ponto; a nuca é reta, separando os dois chifres dispostos em perfil biangular reto. Atrás do da esquerda observa-se orelha linear. A cabeça apresenta bordo frontonasal e ponta do focinho retos, ganacha ligeiramente convexa e tábua do queixo reta. O bordo ventral do pescoço é reto e o peito convexo. O bordo ventral do tronco é convexo e o dorsal reto até à garupa angulosa. A cauda encontra-se enrolada sobre a coxa do animal; a nádega é convexa e os membros do animal, reduzidos a um por par, são definidos por bordos retos paralelos entre si.

Atrás deste animal encontra-se um outro cuja dimensão e posicionamento relativamente à fêmea nos leva a interpretar como vitelo (**Fro9-04**). A cabeça, parcialmente sobreposta pelo bordo caudal da bainha peniana de Fro9-01, apresenta uma morfologia elítica, sendo encimada por dois pequenos traços retos que poderão corresponder às orelhas do animal, dispostas em perfil biangular reto. O bordo dorsal do tronco é reto, apenas encurvando na zona da garupa, de onde sai uma cauda curta, reduzida ao troço e tombada sobre uma nádega convexa; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; as patas, duas por par, são definidas por bordos retos, paralelos entre si; refira-se ainda um pescoço ligeiramente convexo e indistinto do peito.

O último animal representado neste sector encontra-se na zona da espádua do Fro9-01, correspondendo a uma cervo, reduzida à cabeça (**Fro9-05**). O animal foi picotado e abrado observando-se igualmente vestígios de um esboço prévio inciso. A maior parte da cabeça encontra-se num único painel embora a extremidade do bordo ventral do pescoço (reto) e o arranque do dorso (igualmente reto), se encontrem num outro painel situado em posição mais recuada e indiciando fenómenos de *toppling* (ação da gravidade na vertente que provoca o avanço de blocos da diáclase) após a gravação deste prótomo. A cabeça apresenta bordos retos, mas ainda assim distinguíveis da ponta do focinho por ligeira inflexão dos traços; a ponta deste corresponderá ao limite do painel, deste saindo uma boca linear; as orelhas são lineares, dispostas em perfil biangular oblíquo e separadas entre si por uma nuca não representada; o bordo dorsal do pescoço é côncavo.

Quanto às unidades não figurativas deste sector, a maior parte delas associa-se à fêmea de auroque **Fro9-03** (e consequentemente também a Fro9-01), tendo-se contabilizado uma unidade da chave IXaa, uma da IXab, onze da XIa, duas da XIb e uma da XIc que ocupa praticamente todo o tronco do animal. Todas estas unidades foram gravadas por incisão. À cervo **Fro9-05** (e,

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Rocha 9
do Fariseu:
contribuiu para
a datação e
contextualização
da arte do Côa

portanto, também a Fro9-01), associam-se uma unidade da chave XIa e outra da XIb, também incisas. Exclusivamente a **Fro9-01** associam-se apenas duas unidades da chave XIa picotadas e três unidades da chave XIb, uma abrasoada, outra incisa e outra picotada. Finalmente, abaixo do ventre deste grande auroque inventariaram-se ainda uma unidade da chave IXba, uma da chave X, duas da chave XIa e duas da XIb, todas incisas.

A maior parte das unidades figurativas encontra-se, contudo, no sector central da rocha, onde se distinguem diversos painéis. Estes foram, pelo menos em parte, tidos em consideração pelos gravadores. Assim, num painel superior (painel B) concentra-se a maior parte das unidades gráficas figurativa do sector (10), associadas entre si por sobreposição (**Figura 17**). Este painel encontra-se fora da sua posição natural, deslocado por ação de *toppling*, apresentando uma atitude de N45°E, 84°E. Duas das suas unidades figurativas destacam-se pela dimensão. Uma (**Fro9-08**) corresponde a auroque fêmea, picotada e parcialmente abrasoada, orientada para a esquerda. Mede 1,96 m de comprimento, faltando-lhe todo bordo dorsal e caudal. A cabeça apresenta forma subtroncocônica, com uma mandíbula com ganacha convexa e tábua do queixo reta, focinho convexo e chanfro côncavo (tendo estes dois elementos do animal sido identificados em fragmento encontrado em escavação); do bordo cranial do tronco apenas se observa a extremidade inferior do bordo

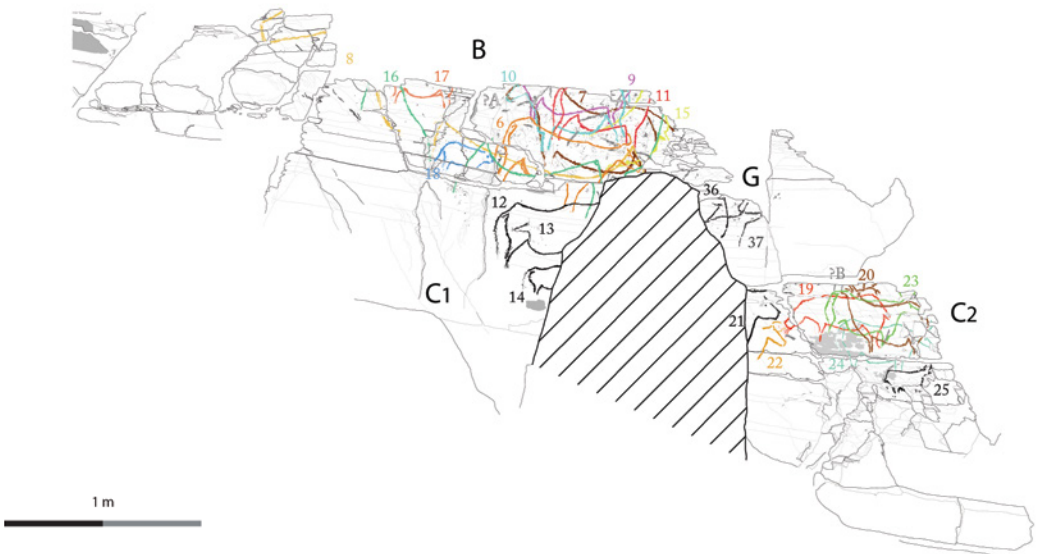


Figura 17 – Rocha 9, painel B, C e G.

ventral do pescoço reto e o peito convexo; o bordo cranial da pata dianteira corresponde a ressalto natural da rocha, sendo o bordo caudal ligeiramente encurvado na zona da passagem para o cilhadouro, este conforma com o ventre um bordo ventral do tronco semielíptico; a pata traseira é definida por bordo cranial convexo-côncavo, sendo nele patente a distinção entre a coxa e a perna; o limite direito do painel pode ter sido reinterpretado como bordo caudal do animal.

O outro animal de grandes dimensões (1,54 m de comprimento) orienta-se em sentido oposto, tendo sido gravado por picotagem e abrasão (**Fro9-16**). Terá sido a última figura do painel a ser gravada, restringindo-se atualmente à sua metade ventral; dos quartos traseiros observa-se a extremidade linear da cauda, uma nádega convexa e uma pata traseira definida por dois bordos curvos divergentes, encontrando-se a extremidade do bordo cranial no painel situado abaixo (C1); o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; da pata dianteira observa-se o bordo caudal curvo (já no painel inferior) e o arranque do bordo cranial; do animal observa-se ainda uma linha de peito/ pescoço convexa.

Imediatamente antes terá sido gravada uma fêmea de auroque, picotada e abrasoada, orientada para a direita (**Fro9-06**). Mede 0,706 m de comprimento e apresenta cabeça de morfologia troncocônica, com mandíbula convexa, tábua do queixo e ponta do focinho retas e bordo frontonasal côncavo; a cabeça é encimada por marrafa convexa que se prolonga por um único corno curvo, atrás do qual se localiza uma orelha linear; no interior observa-se um olho em forma de ponto; o bordo dorsal do tronco apresenta pescoço côncavo, dorso reto e cernelha e garupa angulosas; a cauda apresenta curta inserção e troço linear; a nádega é convexa e o membro pélvico definido por dois bordos curvos divergentes; do bordo ventral do tronco apenas se observa a zona inguinal, aí se observando possível representação do úbere. Da pata dianteira observa-se os dois bordos sub-retilíneos e paralelos entre si, encontrando-se já no painel inferior (C1).

Atrás observa-se pequena figura (0,273 m de comprimento) picotada e parcialmente abrasoada, orientada para a direita (**Fro9-18**). Dada a sua localização e dimensão, pensamos poder fazer corresponder esta figura a vitelo associado a Fro9-06. A cabeça apresenta linha frontonasal côncava (encontrando-se sob o ventre de Fro9-16), ponta do focinho pouco definida e apenas definida por ponto separado quer da extremidade do bordo frontonasal quer do bordo ventral da cabeça, de configuração reta; no interior da cabeça observa-se um olho em forma de ponto; o bordo dorsal do tronco é reto e a garupa convexa, prolongando-se esta por uma cauda linear; a nádega é reta mas distinguível do bordo caudal da pata traseira, reto e paralelo ao bordo cranial; do bordo ventral do tronco observa-se um ventre algo convexo; o bordo ventral do pescoço é reto, não se observando qualquer pata dianteira.

Na zona esquerda do painel, ainda sob a nádega de Fro9-16, observa-se a metade ventral de outro quadrúpede, picotado e abrasoado, orientado para a

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



esquerda (**Fro9-17**). Mede 0,298 m de comprimento; o membro anterior é definido por dois bordos curvos divergentes e o posterior por dois bordos retos, paralelos entre si; o bordo ventral do tronco é convexo, assim como o peito. Na zona inguinal do animal observa-se um traço que poderá representar também o úbere do animal.

Os restantes animais localizam-se na zona direita do painel, junto do seu bordo atual. O que se encontra na base da estratigrafia corresponde a um cavalo picotado e parcialmente abrasado na zona do pescoço/dorso (**Fro9-07**). Mede 0,876 m da ponta do focinho à extremidade conservada da cauda. A cabeça encontra-se sob a de Fro9-10, dela se observando o bordo frontonasal e ponta do focinho convexos, assim como a representação linear de narina e boca; o bordo traqueal, também parcialmente sob o de Fro9-10, é côncavo e o peito convexo; o membro anterior é definido por dois bordos curvos divergentes e o bordo ventral do tronco é de forma subelíptica; do membro posterior apenas se observa o bordo cranial curvo; a nádega é convexa, apresentando o bordo dorsal do tronco pescoço e dorso côncavos e garupa convexa; a cauda é longa e encurvada.

Em seguida foi gravado, por picotagem e abrasão, um quadrúpede orientado para a direita, do qual resta apenas a metade ventral (**Fro9-09**); mede 0,554 m de comprimento; observa-se ainda a extremidade da anca convexa, os bordos curvos e paralelos entre si que conformam o membro posterior, o ventre convexo e cilhadouro reto do bordo ventral do tronco, os bordos retos e subparalelos entre si do único membro anterior representado, o peito convexo e o bordo ventral do pescoço ligeiramente côncavo.

Seguiu-se a gravação, por picotagem e abrasão (na zona de transição entre o dorso e o bordo dorsal do pescoço), da metade cranial de um quadrúpede orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Fro9-15**); entre as duas extremidades do bordo dorsal atual contam-se 0,377 m; este é côncavo, assim como o que resta do bordo traqueal do pescoço; o peito é convexo e o membro anterior definido por dois curtos bordos retos, paralelos entre si; o bordo ventral do pescoço apresenta um cilhadouro convexo, observando-se entre os traços que conformam Fro9-06, Fro9-07 e Fro9-08, alguns traços que poderão corresponder a outros vestígios do seu bordo ventral.

Seguiu-se a gravação, por picotagem e abrasão, de um quadrúpede (au-roque ou cavalo) orientado para a direita ao qual falta todo o bordo dorsal e cabeça (**Fro9-11**): atualmente, mede 0,493 m de comprimento; apresenta um bordo traqueal ligeiramente côncavo e peito convexo; o membro anterior é definido por dois bordos retos e os posteriores por dois curvos, dispendo-se ambos paralelamente entre si; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro reto; a nádega é convexa, assim como o troço da cauda.

Entre a figura anterior e Fro9-06 é gravado **Fro9-10**, por picotagem e abrasão. Trata-se de um cavalo orientado para a esquerda, ao qual falta o bordo dorsal: mede atualmente 0,638 de comprimento; a cabeça apresenta fronte convexa e chanfro reto; a ponta do focinho é convexa; a mandíbula apresenta

tábua do queixo côncava e ganacha reta; o bordo traqueal do pescoço é côncavo e o peito reto; o membro torácico é definido por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo ventral do tronco é elíptico; o membro posterior é definido por dois membros retos, observando-se pequena convexidade na extremidade distal do cranial; a nádega é convexa; um traço paralelo a esta pode corresponder à cauda; esta parece ter respeitado o bordo traqueal de Fro9-09, não o sobrepondo completamente; no interior da cabeça observa-se uma boca e narina lineares e possível delimitação do focinho, gravada por incisão.

Neste painel observa-se uma série de outros traços picotados e incisos. De entre estes últimos destacam-se alguns pela sua dimensão, parecendo alguns deles conformar um esboço de um animal orientado para a direita e do qual se observaria a cauda, a nádega convexa, os bordos da pata traseira, a bainha peniana, o bordo cranial do membro anterior e um peito convexo. Não sendo segura esta figura, identificamo-la como **Fro9-?A**.

Na verdade, as incisões referidas atrás poderão igualmente corresponder a unidades gráficas não figurativas. Nesse caso juntar-se-iam às outras que se distribuem no painel da seguinte maneira: a **Fro9-06, Fro9-07, Fro9-08 e Fro9-16** associam-se três unidades da chave XIa, todas incisas, a **Fro9-06, Fro9-08, Fro9-10 e Fro9-16** associa-se uma da chave XIa picotada; a **Fro9-06, Fro9-08, Fro9-15 e Fro9-16** associa-se outra da chave XIa, igualmente picotada; a **Fro9-06, Fro9-08 e Fro9-16** associam-se cinco da chave XIa (duas delas picotadas) e uma da chave XIc incisa; a **Fro9-07, Fro9-08, Fro9-09, Fro9-10, Fro9-11 e Fro9-16** associam-se quatro da chave XIa, incisas; a **Fro9-07, Fro9-08, Fro9-09, Fro9-10 e Fro9-16** associam-se duas da chave XIa e uma da XIb, incisas; a **Fro9-07, Fro9-08, Fro9-10 e Fro9-16** associam-se três da chave XIa, incisas; a **Fro9-07, Fro9-08, Fro9-11, Fro9-15 e Fro9-16** associam-se duas da XIa e duas da XIb, incisas; a **Fro9-07, Fro9-08, Fro9-15 e Fro9-16** associa-se uma da chave XIa picotada; a **Fro9-08, Fro9-09 e Fro9-10** associa-se outra, igualmente picotada da chave XIa; a **Fro9-08, Fro9-10, Fro9-11 e Fro9-16** associa-se uma da chave XIa incisa; a **Fro9-08 e Fro9-16** associam-se uma da chave VIIa, uma da IXaa, quatro da XIa, uma da XIb e duas da XIc, todas incisas; exclusivamente a **Fr-09-08** descobre-se uma unidade incisa da chave XIb e, abaixo do seu ventre, uma da XIa, também incisa; exclusivamente a **Fro9-16** associa-se uma unidade da chave XIb.

Ainda no sector central, mas no painel inferior, com uma atitude semelhante ao painel A, descobrem-se outras três figuras (painel C1) (**Figura 17**). Uma destas corresponde a auroque fêmea, orientada para a direita e sobreposta às patas dianteiras de Fro9-06 e Fro9-16 (**Fro9-12**). Foi gravada por picotagem e abrasão, encontrando-se o seu quarto dianteiro sob o testemunho da escavação. O bordo dorsal apresenta garupa angulosa, cernelha convexa e dorso côncavo; o bordo ventral é semielíptico; da cauda reconhece-se a inserção e o troço; a pata dianteira é definida por dois bordos curvos.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



No interior da coxa da unidade gráfica anteriormente descrita observa-se prótomo de equino, gravado por picotagem e orientado para a esquerda (**Fro9-13**); mede 0,086 m da ponta do focinho à goela; a cabeça apresenta bordos retos e focinho apontado, observando-se ainda o bordo traqueal reto.

Abaixo de Fro9-12 observa-se outro bovino, orientado para a direita e igualmente com os quartos dianteiros debaixo do testemunho da escavação (**Fro9-14**). Apresenta cernelha proeminente, dorso côncavo e garupa bem marcada, mas pouco angulosa; da cauda observa-se a inserção e o troço; a ná-dega é convexa e a pata dianteira definida por dois bordos curvos divergentes; o ventre é convexo.

Nesta mesma superfície, mas já no lado oposto do testemunho (painel C2) e com a mesma atitude, descobrem-se sete outras unidades gráficas figurativas (**Figura 17**). Quase inteiramente coberto pelos sedimentos do testemunho, observa-se a cabeça e barbela de um auroque macho, gravado por picotagem e abrasão, orientado para a direita (**Fro9-21**); o bordo frontonasal da cabeça é reto, o focinho é largo e convexo, apresentando a mandíbula ganacha convexa e tábua do queixo côncava; em cima reconhece-se uma ténue marrafa e o arranque dos dois chifres ou de um chifre e uma orelha linear; no interior da cabeça observa-se um olho em forma de ponto.

Para a sua direita observa-se um prótomo de auroque, gravado por picotagem e abrasão (no ápex do focinho), orientado para a direita (**Fro9-22**). O animal tem de dimensões máximas (da extremidade distal do corno direito à extremidade distal do bordo traqueal) 0,230 m; o bordo frontonasal é reto e a mandíbula e a ponta do focinho tenuemente convexas; os cornos dispõem-se em perfil biangular-oblíquo, descobrindo-se ainda uma orelha linear. O bordo traqueal do pescoço é convexo.

Para a direita observa-se uma série de quatro animais, associados entre si por sobreposição. Na base encontra-se um cavalo, gravado por picotagem e abrasão, orientado para a esquerda (**Fro9-19**). Mede 0,543 m de comprimento. A cabeça encontra-se tombada para a frente, saindo da zona onde se encontraria a sua boca uma série de traços incisivos e picotados; apresenta chanfro reto (a zona da fronte encontra-se fraturada), focinho largo e convexo, o queixo reto e ganacha convexa; reconhece-se, pelo menos uma orelha, a partir de onde se desenvolve o bordo crinal do pescoço reto, o garrote saliente, dorso curvo e garupa convexa; da cauda apenas se representou a inserção; as patas (uma por par) apresentam bordos curvos divergentes; o bordo ventral do tronco apresenta morfologia semielíptica e o bordo traqueal é côncavo, não se reconhecendo o peito.

Em seguida gravou-se um auroque fêmea, também por intermédio da picotagem e abrasão, orientada para a direita (**Fro9-24**). Mede 0,49 m de comprimento; da cabeça reconhece-se o bordo frontonasal reto, a ganacha convexa e a tábua do queixo reta. Das armações observa-se a extremidade distal de um dos cornos, denunciando o carácter alongado e o seu posicionamento ao longo de um eixo perpendicular à frontonasal, o que não é usual na região. No

interior da cabeça reconhece-se um olho em forma de ponto; a cernelha é bem pronunciada, o dorso reto e a garupa angulosa; a inserção da cauda é bem marcada e o troço apenas esboçado; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos retos com tendência a convergirem na extremidade; o ventre é convexo e o cilhadouro reto; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si e o bordo traqueal do pescoço é ligeiramente côncavo.

A série prossegue com gravação de outra fêmea de auroque, com as mesmas técnicas e orientação (**Fro9-23**); mede 0,457 m, encontrando-se, contudo, fraturada na zona do focinho. Da cabeça só se observa o bordo dorsal côncavo e um olho em forma de ponto; uma fissura da rocha pode ter sido reaproveitada como mandíbula do animal; daí arrancando uma goela côncava e um bordo traqueal reto, terminando este num peito convexo; o membro torácico é definido por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo ventral do tronco apresenta ventre convexo e cilhadouro côncavo; a pata traseira é definida por dois bordos curvos paralelos entre si; a nádega é convexa; a inserção da cauda é de formato triangular e o troço linear; o bordo dorsal do animal apresenta pescoço reto, cernelha angulosa, dorso côncavo e garupa saliente, embora deixada em aberto; os cornos são também compridos, aparentando estar em perfil biangular reto, não permitindo a sua não-integralidade confirmar este aspeto; mais segura é a sua configuração inusual, semelhante ao caso anteriormente descrito.

A série é terminada com a representação de um veado picotado e abraçado, orientado para a esquerda e com a cabeça levantada, em posição de brama (**Fro9-20**). O animal mede 0,481 m de comprimento; a cabeça apresenta bordos dorsal e ventral praticamente paralelos entre si, encontrando-se a zona do focinho aberta; no seu interior observa-se um olho, mais detalhado que o habitual; apenas uma haste foi representada, nela se reconhecendo o tronco, o estoque, o contra estoque, a ponta intermédia e três pontas da coroa; o bordo cervicodorsal é côncavo e a garupa algo angulosa; a cauda é convexa e a nádega, a avaliar pelas extremidades conservadas, seria reta; os membros (um por par) são definidos por dois bordos retos paralelos entre si; o ventre é convexo e o cilhadouro reto; o peito é também convexo e o bordo traqueal reto.

Abaixo do membro torácico de Fro9-24 observa-se a última figura deste painel – um pequeno auroque (mede 0,244 m de comprimento) picotado e abraçado, orientado para a direita (**Fro9-25**). A cabeça está muito fraturada reconhecendo-se apenas o arranque da frontonasal; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo e a cervicodorsal é reta; a cauda encontra-se caída na nádega, observando-se a inserção e o troço; as patas são definidas por dois bordos retos, paralelos entre si e o ventre (reduzido à zona inguinal) parece convexo.

As restantes unidades gráficas, em número de três, são todas picotadas, de carácter não figurativo e da chave XIa. Uma associa-se a **Fro9-20**, **Fro9-23** e **Fro9-24**, atravessando o ventre da primeira – um veado – replicando assim uma associação entre estes tema e chave presente noutras rochas do Côa e

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



mesmo em outras regiões (ver *infra*). Outra, de morfologia curva, associa-se a **Fro9-25**. A terceira encontra-se entre as cabeças de **Fro9-19** e **Fro9-22**.

Um par de traços, localizado entre o focinho de Fro9-20 e a garupa de Fro9-23 poderá corresponder à extremidade distal de uma pata de um animal entretanto desaparecido por fratura do suporte. A possibilidade destes traços também poderem conformar uma unidade da chave XIb leva-nos a inventariá-los como **Fro9-?B**.

Após, pelo menos a gravação de C2 a rocha fraturou e foi exposta superfície mais recuada (painel G) onde se voltou a gravar, por picotagem, pelo menos outras duas figuras associadas por sobreposição, ambas picotadas e parcialmente abradidas (**Fig. 17**). Este painel apresenta uma atitude distinta dos restantes, com uma direção N16°E e uma inclinação de 80°W.

A mais antiga corresponde a possível cavalo retrospectivo com a cabeça virada para a esquerda (**Fro9-36**). Esta encontra-se reduzida à mandíbula sub-retilínea, sendo a frontonasal e a ponta da crineira representadas por ressalto natural da rocha; o bordo traqueal do pescoço é côncavo e o dorsal convexo.

A outra figura corresponde a um auroque orientado para a direita e com a cabeça levantada (**Fro9-37**). Esta apresenta bordo frontonasal côncavo, bordo ventral convexo e ponta do focinho reta; os cornos dispõem-se em perfil biangular oblíquo; o bordo traqueal é convexo e o arranque do peito côncavo; da cervicodorsal observa-se o bordo dorsal do pescoço côncavo e a cernelha convexa.

Alguns picotados dispersos e uma unidade não figurativa da chave XIa incisa, associada a Fro9-37 completam a composição.

Num pequeno painel, localizado à direita (painel D) (**Figura 18**), com a atitude dominante da rocha, mas movido por *toppling*, observa-se outras duas unidades gráficas picotadas, orientados para a direita. A de cima, encontra-se reduzida à metade cranial, embora lhe falte igualmente grande parte da cabeça. Mede atualmente 0,161 m de comprimento. Parece corresponder a uma cerva (**Fro9-26**). Da cabeça apenas se observa as orelhas lineares e dispostas em perfil biangular reto e o arranque do chanfro; o bordo ventral do pescoço é côncavo, prolongando-se este pelo bordo cranial da pata anterior de configuração reta, sem que se reconheça qualquer peito; o bordo caudal da pata é reto, encurvando na zona do codilho para um cilhadouro reto; o bordo dorsal do tronco apresenta garrote pronunciado (caraterística inédita nas cervas da região) e dorso reto.

A unidade gráfica localizada abaixo (**Fro9-27**) mede 0,245 m de comprimento; apresenta também garrote pronunciado, dorso côncavo e garupa convexa; tem uma cauda foliforme e tombada sobre a nádega convexa; do animal reconhece-se ainda o bordo ventral do pescoço convexo e uma curta cabeça definida por uma mandíbula reta e um arranque ventral da ponta do focinho também reto. Junto ao limite atual do painel observa-se o que parece ser uma pequena orelha. A cauda é de cervídeo, podendo a orelha reforçar esta hipótese; o garrote pronunciado parece mais compatível com o de um auroque, mas

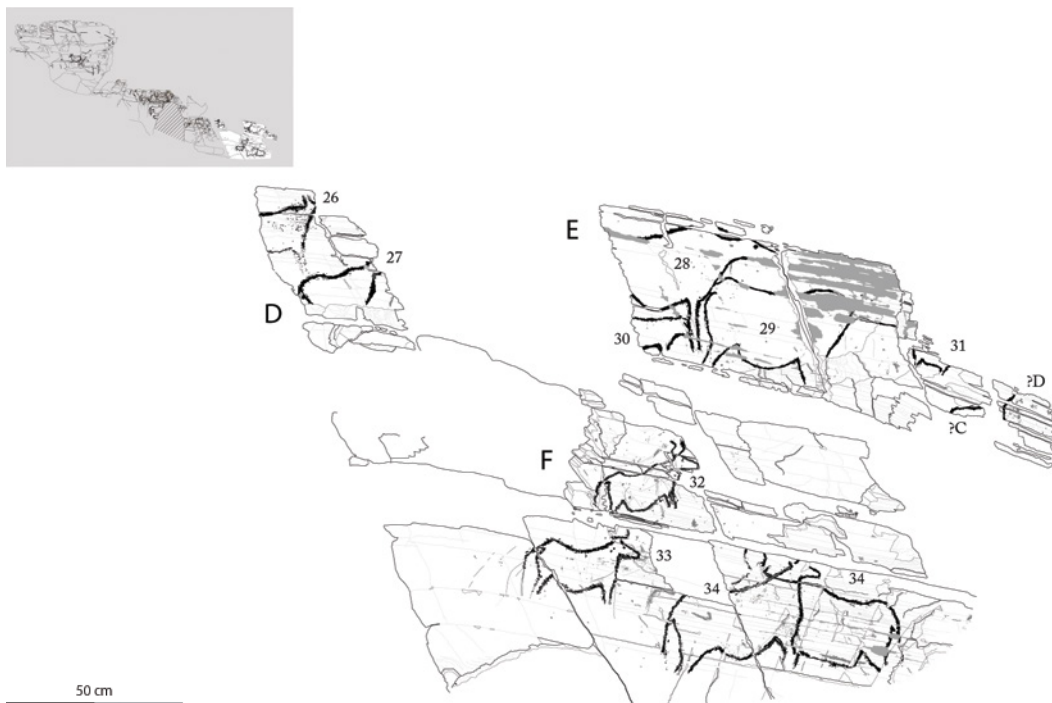


Figura 18 – Rocha 9, painel D, E e F.

como se verifica pela figura acima, não se pode descartar a sua presença em cervídeos. O corpo possante também poderia diagnosticar um auroque macho, mas a ausência de barbela, a garupa convexa e os restantes atributos já indicados não permitem uma identificação segura, pelo que consideramos a figura como indeterminada.

Para além de picotados soltos, identificam-se algumas unidades não figurativas incisivas, associadas à cervia **Fro9-26**. Estas correspondem a cinco unidades da chave XIa, duas da XIb, uma da XIc e uma da XIId.

As restantes unidades gráficas da rocha encontram-se no seu setor direito, aí se distinguindo dois painéis.

No painel superior (painel E) observa-se quatro unidades gráficas figurativas seguras e outras duas hipotéticas, todas picotadas e orientadas para a direita (**Fig. 18**). Este painel encontra-se movido por *toppling*.

As três da esquerda parecem conformar uma cena. A primeira a ser gravada corresponde a fêmea de auroque (**Fro9-28**) à qual falta a metade caudal devido à fracturação do suporte. Mede, atualmente, 0,477 m e comprimento. Da cervicodorsal observa-se a cernelha proeminente e o arranque do dorso; da cabeça observa-se o bordo frontonasal ligeiramente côncavo, o olho em forma de ponto e a goela côncava; o pescoço é reto e o peito convexo; o membro torácico é definido por dois bordos retos paralelos entre si e o bordo ventral do tronco é convexo.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Um pouco acima do peito da unidade gráfica anterior adossou-se a inserção da cauda de outra fêmea de auroque (**Fro9-29**). Contrariamente à anterior, encontra-se quase inteira, medindo, de comprimento, 0,529 m. Da cabeça apenas se observa a mandíbula reta e a goela côncava; o bordo cervicodorsal apresenta cernelha proeminente, dorso reto e garupa angulosa e curta; a nádega é convexa e a pata traseira definida por um bordo caudal reto e um cranial curvo; o bordo ventral do tronco é convexo; do animal reconhece-se ainda o bordo caudal do membro torácico reto e o bordo traqueal, igualmente reto.

A terceira figura que conforma a cena (**Fro9-30**), localiza-se atrás da figura anteriormente descrita, encontrando-se a sua cabeça gravada sobre o bordo caudal da pata dianteira de Fro9-28. Como acontece com esta figura, perdeu os seus quartos traseiros devido à fracturação do suporte. A sua dimensão (mede atualmente 0,173 m), assim como o seu posicionamento atrás de Fro9-29 levam-nos a considerar estarmos perante um outro vitelo. A cabeça apresenta uma morfologia triangular com bordos retos e focinho apontado; o bordo cervicodorsal é ligeiramente côncavo, como a goela e o bordo traqueal que se prolonga por um curto bordo cranial do membro anterior, também reto; o bordo caudal da pata e o bordo ventral do tronco são igualmente retos.

Se a integração cénica desta figura e da que e encontra à sua frente é óbvia, o facto desta última encostar a inserção da cauda ao peito de Fro9-28, não se figurando o troço atrás do corpo deste animal como é usual, permitem-nos levantar a hipótese de que quem gravou esta composição procurou dotá-la de profundidade, colocando uma fêmea de auroque por trás da outra e, de uma forma realista, não gravou a cauda de uma delas porque se encontrava por trás do corpo da remanescente.

A outra unidade figurativa segura deste painel encontra-se para a direita desta cena, correspondendo a quadrúpede indeterminado (**Fro9-31**). Mede atualmente 0,118 m de comprimento. Observa-se as duas patas (uma por par) definidas por bordos retos paralelos entre si, o arranque de uma nádega convexa, um bordo ventral do tronco definido por ventre convexo e cilhadouro reto e o arranque do bordo ventral do pescoço na prolongação do bordo cranial da pata dianteira, sem delimitação do peito.

Para a direita observam-se outros dois traços que poderão corresponder à garupa e dorso de um animal (**Fro9-?C**) e à nádega e garupa ou cauda de outro (**Fro9-?D**).

Para além de vários picotados dispersos pelo painel, inventariaram-se três unidades gráficas não figurativas incisivas localizadas entre **Fro929** e **Fro9-31**: duas da chave XIa e uma d XIc.

As restantes unidades gráficas da rocha encontram-se no painel F, localizado imediatamente abaixo do E, num plano mais recuado e com uma atitude semelhante ao A e C (**Figura 18**).

Quatro das unidades são de carácter figurativo. Assim, no canto superior esquerdo do painel observa-se auroque definido por picotagem e abrasão, orientado para a direita (**Fro9-32**). Observam-se ainda claros vestígios de um

esboço prévio inciso. Mede 0,312 m de comprimento. A cabeça apresenta formato troncocônico com bordos retos e focinho ou delimitação do focinho retos. Esta dúvida prende-se com o prolongamento do bordo ventral da cabeça para lá do traço que une este bordo ao frontonasal; no interior da cabeça observa-se um olho em cima de ponto, sendo esta encimada por dois chifres dispostos em perfil biangular oblíquo e separados entre si por nuca reta; o bordo cervicodorsal apresenta cernelha destacada, dorso profundamente côncavo e garupa angulosa; a cauda é representada pela inserção e troço linear; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos retos paralelos entre si e atirados para trás; o bordo ventral do tronco é de morfologia convexo-côncava; o bordo traqueal é reto, não se figurando o peito; na zona dos membros torácicos observa-se um bordo caudal reto e dois traços adossados na zona cranial, levando-nos a admitir a hipótese de estarmos perante a representação dos dois membros anteriores, que a confirmar-se, se encontrariam em perfil biangular oblíquo.

Abaixo observa-se outro auroque (**Fro9-33**¹) de dimensão semelhante (0,329 m de comprimento) gravado por picotagem e incisão simples (bordo caudal da pata traseira) e múltipla (troço da cauda), podendo os elementos gravados com esta técnica corresponderem a vestígios de um esboço prévio da figura. A cabeça apresenta bordo frontonasal côncavo, focinho convexo e mandíbula com ganacha convexa e tábua do queixo reta; no interior observa-se um olho em forma de ponto e no topo uma marrafa retilínea prolongada por um corno encurvado; o bordo cervicodorsal é côncavo e a garupa angulosa; da cauda observa-se a inserção e o troço linear; a nádega é convexa e a pata traseira definida por dois bordos curvos paralelos entre si; o bordo ventral do tronco é convexo; a pata dianteira é definida por dois bordos retos paralelos entre si; o bordo ventral do pescoço é reto e o peito ligeiramente convexo.

Para a direita desta figura observa-se as duas unidades gráficas figurativas remanescentes. A dimensão de cada uma delas, muito semelhante entre si e muito maior que as das figuras do painel precedentemente descritas, assim como outros elementos que em seguida discriminaremos legitimam a sua interpretação como elementos de uma outra cena.

A primeira unidade figurativa a ser gravada corresponde ao animal picotado e abrasoado, orientado para a direita e ligeiramente inclinado para cima (**Fro9-34**²). Mede 0,512 m de comprimento. A cabeça apresenta bordo frontonasal e ápex do focinho retos e bordo ventral côncavo. Em cima, dois traços poderão corresponder a duas orelhas lineares dispostas em perfil biangular oblíquo; do bordo cervicodorsal observa-se um pescoço ligeiramente convexo e um dorso reto; da garupa só se observa a terminação convexa, prolongando-se esta, sem descontinuidade sobre um troço de cauda linear que emerge

¹ Por lapso, identificada como Fro9-34 em trabalho anterior (Santos, 2023, 71).

² Por lapso, identificada como Fro9-36 em trabalho anterior (Santos, 2023, 71).



de uma inserção triangular; a nádega é reta e a pata traseira definida por um bordo caudal onde se observa clara distinção entre coxa e perna e um bordo cranial curvo; o bordo ventral do tronco é convexo, sendo a pata da frente definida por bordo caudal curvo e cranial reto; o peito é convexo e o bordo traqueal reto. A figura apresenta uma cabeça que se conforma mais com as das cervas, mas a cauda comprida não é compatível com esta identificação. Assim, a não ser estarmos perante “híbrido” (fenómeno reconhecido na arte paleolítica europeia, por vezes manifesto de forma muito subtil) não é possível decantar-nos por um auroque de cabeça pequena e sem armações ou uma cerva de cauda comprida.

Mais segura é a identificação do outro animal que conforma a cena. Trata-se de um auroque conseguido por picotagem e abrasão, orientado para a esquerda (**Fro9-35**). Mede 0,5 m de comprimento. O bordo ventral da sua cabeça encosta-se ao dorso e pescoço da figura previamente descrita; o focinho é reto e o bordo frontonasal é côncavo; um olho encontra-se representado por ponto e os dois chifres curvos e dispostos em perfil biangular reto, separam-se por uma nuca não representada. Atrás do corno esquerdo encontra-se uma orelha linear a partir de onde se desenvolve um pescoço reto, uma cernelha angulosa, um dorso côncavo e uma garupa complexa que cai sobre uma inserção da cauda triangular, encontrando-se alguns picotados isolados em superfície adjacente que podem corresponder a vestígios do seu troço; a nádega é convexa; uma grande parte da pata traseira encontra-se perdida por fracturação do suporte, mas ainda se distingue uma coxa convexa e arranque para a perna no seu bordo cranial; o bordo ventral do tronco é muito anguloso, sendo os dois troços retos que definem o ventre e cilhadouro do animal separados entre si por um ângulo de 97°; da pata dianteira apenas se observa o bordo caudal reto, mas a ampla curvatura do bordo caudal de Fro9-34 pode dever-se à possibilidade da sua extremidade ser relida como bordo cranial de Fro9-35; o peito e o bordo traqueal do animal nunca foram gravados, podendo-se supor que também aqui se tentou colocar este animal por trás do anteriormente descrito, mas a representação do bordo dorsal do pescoço por trás do de Fro9-34 não nos permite ser contundentes a este respeito.

As restantes unidades gráficas do painel são de carácter não figurativo, maioritariamente incisas. A **Fro9-32** associam-se três da chave IXa, sete da XIa, quatro da XIb e quatro da XIc. A **Fro9-33** associam-se três da XIa e uma da XIb, para a sua esquerda inventariaram-se cinco da XIa e entre aquela unidade gráfica figurativa e **Fro9-34** uma da IXa (picotada), uma da IXab, três da XIa e uma da XIc. Exclusivamente a Fro9-34 associam-se duas da chave VIIa, uma da IXbb e uma da XIc. Finalmente, a **Fro9-35** associa-se uma da chave XIa, picotada.

6. Comparação estilística e avaliação da diacronia ou sincronia da arte

Em trabalhos anteriores tínhamos admitido a existência de, pelo menos, duas fases de gravação distintas (Aubry *et al.*, 2020; Santos, 2023). Esta hipótese encontrava-se totalmente alicerçada em critérios estilísticos.

De facto, a par de figuras com claros paralelos com as figuras da fase antiga, designadamente existentes na vizinha rocha 1, outras ofereciam características que poderiam indiciar a sua gravação numa fase ligeiramente posterior.

As gravuras mais antigas seriam as do painel B e F, tendo-se admitido que a composição dos painéis A, D, E e G poderiam ser mais recentes, eventualmente atribuíveis à fase 2 (entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo).

A atribuição mais recente do painel A baseava-se nas características da cena do auroque seguido pelo vitelo, cena essa que se encontra na base da sequência gráfica do painel. Assim, se vitelos a seguirem fêmeas de auroque podem ser encontradas em composições mais antigas (desde logo nos painéis B e F desta rocha, ou na rocha 11 da Canada do Inferno), o único exemplo em que a fêmea que integra essa cena tem a cauda enrolada, os cornos em perfil biangular reto e a cervicodorsal suavizada encontra-se no painel 28 da rocha 24 de Piscos (Santos, 2019: 593), atribuído à fase 2 e encontrado sob uma camada atribuída, ainda que com reservas, ao Magdalenense antigo (Luís, 2009). O facto de uma cena semelhante, mas com cavalos (fêmea com rabo enrolado, seguida por potro) ter sido identificada noutra rocha atribuída à fase 2 (rocha 5 de Piscos) contribuía para esta hipótese.

Relativamente ao carácter mais recente das composições dos painéis E, F e G, socorremo-nos essencialmente do posicionamento insólito de algumas dessas figuras nos mapas fatoriais resultantes da nossa análise morfológica de auroques, da dimensão de Fro9-32 e 33, mais próxima das figuras da fase 2 que da 1 e do carácter distinto das figuras mais pequenas que rodeiam a composição principal do painel C.

A possibilidade de Fro9-?B corresponder à extremidade distal de uma pata de um animal, entretanto desaparecido por fragmentação da parte superior de C2, permite-nos colocar a hipótese das gravuras de G terem sido realizadas após esta fraturação. Contudo, o facto de Fro9-19, 20 e 23 se conformarem ao limite superior de C2 e mesmo à Fro9-21 apenas faltar a extremidade dos cornos, e do possível motivo Fro9-?B não cobrir necessariamente as gravuras do painel G não nos autoriza a sermos assertivos relativamente a esta inferência.

Do outro lado do testemunho arqueológico, o motivo Fro9-12 do painel C1 foi gravado depois de todo o painel B. As últimas duas figuras do painel B são, por outro lado, as únicas a passarem para o painel C1. Pelo menos os auroques de C2 apresentam os cornos demasiado erguidos, o mesmo sucedendo possivelmente em C1, se o traço que se descobre ao lado do testemunho corresponder a um deles. A ser assim, eles não se distanciarão muito dos auroques da rocha 31 da Quinta da Barca, atribuídos à fase 2 (Santos, 2023, 90). As restantes características destes auroques não são, ainda assim muito distintas

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



dos da fase 1. Sendo segura a sua posteridade relativamente ao painel B, não sabemos qual a distância entre a gravação de ambos. O facto de apenas as duas figuras mais recentes daquele passarem para o painel C1 sugere a possibilidade de este não estar exposto quando a maior parte das figuras de B foram feitas.

Em resumo, o painel B deve ter sido o primeiro a ser gravado, eventualmente ao mesmo tempo que E. Em seguida foi gravado C1. Não temos relação direta entre esta série “geoparietal” e os restantes painéis, mas as características diferentes destas figuras e os paralelos que encontramos para algumas delas remetem já para figuras da fase 2. Com alguma segurança, podemos dizer que toda a rocha terá sido gravada entre um momento indeterminado da fase 1 (entre o Gravettense e o Solutrense médio) e outro, igualmente indeterminado da fase 2 (entre o Solutrense superior e o Magdalenense antigo), sem que se consiga ainda precisar a distância temporal entre elas.

7. Evolução do maciço rochoso

Durante os trabalhos de escavação realizados em 2022, foram encontrados mais sete fragmentos com traços na superfície de diáclase, que podiam pertencer à rocha gravada (**Figuras 3 e 19**). Estes fragmentos foram exumados na unidade estratigráfica 4b, 4c e 4 indiferenciada. A maioria destes blocos gravados foi remontada entre si no Museu, mas não foi possível a remontagem com a rocha (**Tabela 3**). Todavia, a análise da orientação das diáclases e localização do preenchimento de quartzo permitem reconstituir virtualmente a sua proveniência espacial, aproximada, no painel gravado.



Figura 19 - Fragmento da rocha gravada descoberto durante a escavação da unidade estratigráfica 4b.

De facto, acrescentando ao bloco 12, remontado com o topo da rocha gravada, em 2020, novas tentativas de remontagem permitiram estabelecer mais uma relação por conexão morfológica entre o bloco nº 8, proveniente da UE3b, encontrado em 2020, com o painel gravado B.

A tentativa de remontagem, no terreno e no Museu permitiu efetuar 21 conexões entre 77 fragmentos de xisto (**Tabela 4, Figura 20**).

As remontagens entre fragmentos não gravados e o afloramento rochoso evidenciam várias fases de colapso desse afloramento, iniciando-se na zona basal do painel, não gravada, uma fase de degradação que corresponde à constituição da base da unidade 4 (**Figura 21**).

As remontagens dos fragmentos destacados e caídos do afloramento rochoso gravado encontrado durante a escavação indicam a existência de várias fases de degradação do painel. Estas fases de degradação pelo processo de *toppling*, iniciam-se durante a deposição da unidade 5, para a parte mais baixa do afloramento, continua na base da unidade 4, contemporânea da fase fria atestada pelo estudo geológico e a proposta de reconstituição paleoambiental, e finaliza-se durante a formação da unidade 3b, que, considerando a data correspondente ao início do Holocénico obtida a partir do depósito silto/arenoso 3a/b sobrejacente, pode corresponder à fase fria do fim do Pleistocénico.

O posicionamento dos fragmentos gravados na sequência estratigráfica demonstra que a gravação do painel teve início antes da constituição da unidade estratigráfica 4c.



Figura 20 – Tentativa de remontagem entre blocos não gravados provenientes das unidades estratigráficas 4 e 5.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Tabela 4 – Remontagens entre blocos gravados, não gravados e o painel gravado.

N. remontagem	Bloco	Quad.	UE	x	y	z		Gravura	
						base	topo		
1	1	14	G27	4	70	19	125,39	125,58	sim
	2	1151	H27	4C	-	-	-	-	sim
	3	133	-	-	-	-	-	-	sim
	4	213	H26	4b	-	-	-	-	sim
	5	215	H26	-	-	-	-	-	sim
2	1	9	H27	4	83	62	125,46	-	sim
	2	9	H27	4	83	62	125,46	-	sim
	3	9	H27	4	83	62	125,46	-	sim
3	1	175	H26	4c	-	-	-	-	sim
	2	-	H26	4b base	-	-	-	-	sim
4	1	599	H26	4c	-	-	-	-	sim
	2	-	I25	5	-	-	-	-	sim
	3	-	I25	5	-	-	-	-	sim
	4	?	?	5	-	-	-	-	sim
5	1	8	H27	3b	22	45	126,21	-	sim
	2	painel	-	-	-	-	-	-	sim
6	1	909a	I25	-	-	-	-	-	não
	2	909b	I25	-	-	-	-	-	não
	3	941	I25	-	-	-	-	-	não
7	1	157	-	-	-	-	-	-	não
	2	401	-	-	-	-	-	-	não
8	1	747	-	-	-	-	-	-	não
	2	849	-	-	-	-	-	-	não
9	1	645	H25	4c	-	-	-	-	não
	2	1013	I25	-	-	-	-	-	não
10	1	669	-	-	-	-	-	-	não
	2	-	-	5	-	-	-	-	não
11	1	153	-	-	-	-	-	-	não
	2	163	-	-	-	-	-	-	não
12	1	689	H25	-	-	-	-	-	não
	2	939	I25	-	-	-	-	-	não
13	1	137	-	-	-	-	-	-	não
	2	749	-	-	-	-	-	-	não
14	1	589	-	-	-	-	-	-	não
	2	585	-	-	-	-	-	-	não
15	1	-	H25	5	-	-	-	-	não
	2	681a	H25	-	-	-	-	-	não
	3	681b	H25	-	-	-	-	-	não
	4	683a	-	-	-	-	-	-	não
	5	683b	-	-	-	-	-	-	não
	6	479	-	-	-	-	-	-	não

Tabela 4 (continuação).

16	1	955	-	-	-	-	-	-	não
	2	629	-	-	-	-	-	-	não
	3	601	-	-	-	-	-	-	não
	4	203	-	-	-	-	-	-	não
	5	491	-	-	-	-	-	-	não
	6	1073	-	-	-	-	-	-	não
	7	565	-	-	-	-	-	-	não
	8	955	-	-	-	-	-	-	não
	9	aflor.	-	-	-	-	-	-	não
	10	975	-	-	-	-	-	-	não
17	1	517	-	-	-	-	-	-	não
	2	403	-	-	-	-	-	-	não
	3	479	-	-	-	-	-	-	não
	4	483	-	-	-	-	-	-	não
	5	481	-	-	-	-	-	-	não
	6	493	-	-	-	-	-	-	não
	7	495	-	-	-	-	-	-	não
	8	497	-	-	-	-	-	-	não
	9	449	-	-	-	-	-	-	não
	10	489	-	-	-	-	-	-	não
	11	aflor.	-	-	-	-	-	-	não
18	1	573a	-	-	-	-	-	-	não
	2	573b	-	-	-	-	-	-	não
	3	543	-	-	-	-	-	-	não
	4	593	-	-	-	-	-	-	não
	5	621	-	-	-	-	-	-	não
	6	-	-	5	-	-	-	-	não
	7	-	-	5	-	-	-	-	não
	8	-	-	5	-	-	-	-	não
	9	aflor.	-	-	-	-	-	-	não
19	1	657	-	-	-	-	-	-	não
	2	aflor.	-	-	-	-	-	-	não
20	1	637	-	-	-	-	-	-	não
	2	aflor.	-	-	-	-	-	-	não
21	1	12	F27	-	-	-	125,73	-	não
	2	aflor.	-	-	-	-	-	-	não

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 21 – Remontagens entre blocos não gravados, encontrados na base da unidade 4, e o afloramento, que permitem reconstituir a sua morfologia.

8. Rocha 1 e 9 do Fariseu no contexto da sua ocupação humana paleolítica

Os estudos e os dados obtidos nas duas áreas do mesmo meandro do Fariseu enquadram-se numa procura do conhecimento da ocupação humana no Vale do Côa, designadamente das suas manifestações simbólicas e da relação direta entre arte rupestre e o registo sedimentar resultante das oscilações climáticas do último período glacial, que ocorreram nesta região durante o Pleistocénico Superior.

As datações obtidas em 2022 para uma subunidade da UE 3 e duas da UE 4 da área da rocha 9 confirmam as correlações propostas a partir do estudo dos depósitos da sequência sedimentar dos vestígios arqueológicos preservados na área da rocha 1 (Aubry *et al.*, 2011) e das datações por luminescência e termoluminescência obtidas (Mercier *et al.* 2006). Os dados revelam pontos comuns nas características e nos ciclos de deposição e erosão dos depósitos, mas apesar da sua proximidade, diferenças nos momentos de ocupação atestados pelos vestígios arqueológicos encontrados nas duas áreas.

Uma fragmentação mais importante da rocha 9 relativamente ao painel 1, em relação com a atitude da estratificação das rochas existentes, permite uma análise das remontagens de fragmentos resultantes da degradação do painel. A localização estratigráfica dos fragmentos e os vestígios encontrados na unidade estratigráfica 5 indicam que:

- 1) Como observado para a rocha 1, o momento de gravação de algumas das gravuras do painel 9 é necessariamente anterior à fase fria datada do intervalo 16-18 ka., responsável de várias fases de deposição de clastos provenientes da vertente rochosa sobrejacente à rocha que, atualmente, ocultam cerca de um terço da área do painel;
- 2) Algumas das gravuras dos diferentes subpainéis (A, C, F e G), ocultadas ou não pela UE 4, apresentam negativos de impacto de morfologia circular, que, com base em experimentação, podem ser relacionados com os pequenos seixos alongados de quartzo encontrados em 2022 na UE 5 (Figs. 10 e 11). Esta unidade estratigráfica, ainda não datada, e que só foi evidenciada durante a campanha de 2022 nos quadrados H/J-25/26, apresenta características texturais equivalentes à UE 9 da área da rocha 1. Este depósito arenoso foi datado de 19.020 ± 80 BP (Gra-40167), obtida pelo método AMS a partir de um fragmento de carvão da base da sondagem central do sítio (correspondendo a c. de 22.500-23.000 anos calibrados). Este depósito arenoso continha uma lasca de afeiçoamento com tratamento térmico, que atesta uma ocupação no fim do Solutrense;
- 3) A comparação estilística de uma parte importante das figuras do painel 9 sugere também uma cronologia pré-magdalense, embora algumas possam ter sido já gravadas posteriormente, mas em todo o caso, nunca depois do Magdalense antigo;
- 4) A escavação realizada em 2022 revelou a existência de uma unidade estratigráfica depositada anteriormente e num contexto climático distinto (UE 6), ainda não datada, que contém vestígios de pedra lascada não diagnósticos de qualquer fase específica de ocupação humana pleistocénica do Vale do Côa.

Os dados fornecidos pelo estudo das rochas 1 e 9, apesar de fortes semelhanças no seu contexto gearqueológico, indicam a existência de diferenças morfoestilísticas e temáticas. Esta constatação sugere a existência de uma diacronia na produção das composições por densa sobreposição das rochas 1, 9 e 19 (Aubry, Santos e Luís, 2014) durante momentos distintos da fase antiga da arte do Côa, ambas realizadas antes ou durante o Solutrense. A datação da UE 5 por Luminescência poderá vir a trazer novos elementos para precisar a posição cronológicas das várias fases propostas com base em critérios morfoestilísticos.

Devemos considerar também que a monumentalização do sítio do Fari-seu se realizou em várias fases, com início anterior ao Magdalense, acrescentando novas rochas gravadas ao longo do meandro, num processo que perdura até ao Azilense.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Agradecimentos

Os trabalhos de arqueologia de 2020, 2021 e 2022 no sítio do Fariseu foram realizados no âmbito do PIPA PALÆOCOA – Cronologia e Paleoambientes da ocupação paleolítica do Vale do Côa e do PIPA CLIMATE@COA – Clima e adaptação humana durante o Último Período Glacial na região do Vale do Côa (Portugal). As datações luminescência e os estudos geoarqueológicos foram financiados por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto CLIMATE@COA – COA/CAC/0031/2019 sob a orientação de Luca Dimuccio e as análises de pigmentos minerais no âmbito do projeto *Kassandra@Côa*, financiado pela Fundação “La Caixa”. Os trabalhos de investigação de Miguel Almeida são suportados pela Dryas/Octopetala e pela Fundação La Caixa / BPI, no âmbito do projecto Promove’XXI – O futuro do Interior: “*Kassandra@Côa*”.

Referências bibliográficas

ALCALDE DEL RIO, Hermilio; BREUIL, Henri; SIERRA, Lorenzo (1911) – *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*. Mónaco: Imprimerie Vve A. Chêne (Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 3).

ALCOLEA GONZÁLEZ, José J.; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2006) – *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde*. Salamanca: Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).

AUBRY, Thierry (2001) – L’occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino de, eds. – *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 17), pp. 253-273.

AUBRY, Thierry, ed. (2009) – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).

AUBRY, Thierry; BAPTISTA, António Martinho (2000) – Une datation objective de l’art du Côa. *La Recherche*. 4 (Hors Série): 54-55.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2020) – Fariseu, 20 anos depois. Novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-madan on-line*, 23 (2): 15-27.

AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos (2000) – Actualité sur la chronologie et l’interprétation de l’art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l’Archéologie*. 82: 52-56.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SAMPAIO, Jorge Davide (2006) – Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*, 14 (2.ª série): 48-52.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO Jorge Davide; LUÍS, Luís (2009) – Metodologia de aquisição e caracterização dos dados arqueológicos. In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de*

história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico, Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 31-93.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca, A.; BERGADÀ, Maria Mercé; SAMPAIO, Jorge Davide; SELLAMI, Farid (2011) – Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*, 37: 3306-3319.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2014) – Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, ed. - *Les arts de la Préhistoire : micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique»*, MADAPCA – Paris, 16-18 novembre 2011. Les Eyzies : SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André, T.; LUÍS, Luís, BARBOSA, António Fernando; SILVESTRE, Marcelo (2020a) – Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal). In RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ Xose-Pedro, LOMBERA-HERMIDA Arturo de, FÁBREGAS-VALCARCE Ramón & OTTE Marcel, eds. – Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies. *Comptes Rendus Palevol*, 19 (7): 117-135. DOI: 10.5852/cr-palevol2020v19a7.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; BARBOSA, A. Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS T. André; SILVESTRE, Marcelo; THOMSEN, J. Kristina; RADES, Eike; AUTZEN, Martin; MURRAY, Andrew S. (2020b) – Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98: 81-101.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2021) – Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. Vila Nova Foz Côa. In NALDINHO, Sandra M. Euzébio; SILVINO, TONY, eds. – *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 337-370.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; GONZÁLEZ SAINZ, Cesar; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J. (2014) – Cueva de la Pasiega (Puente Viesgo, Cantabria). In SALA RAMOS, Robert, ed. – *Los cazadores recolectores del Pleistoceno y del Holoceno en Iberia y el Estrecho de Gibraltar: Estado actual del conocimiento del registro arqueológico*. Burgos: Universidad de Burgos, pp. 43-46.

BAPTISTA, António Martinho (2001a) – The Quaternary Rock Art of the Côa Valley. In ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino de, ed. – *Les premiers hommes modernes de la péninsule ibérique (Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22-24/10/1998)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 17), pp. 237-252.

BAPTISTA, António Martinho (2001b) – Trabalhos do Centro Nacional de Arte Rupestre. *Al-Madan*. Almada. 10 (2.ª série): 201-203.

BAPTISTA, António; GOMES, Mario Varela (1997) – Arte rupestre. In: ZILHÃO, João, ed. – *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 210-406.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



BREUIL, Henri; OBERMAIER, Hugo; ALCALDE DEL RIO, Hermilio (1913) – *La Pasiega a Puente Viesgo (Santander). (Espagne)*. Mônaco: Imprimerie Vve A. Chêne (Peintures et gravures des cavernes paléolithiques, 4).

CARTAILHAC, Émile (1902) – La grotte d'Altamira. «Mea culpa» d'un sceptique. *L'Anthropologie*, 13: 348-354

CID, Pedro Salter (1999) – *Hipologia: O exterior do cavalo*. Alpiarça: Garrido Artes Gráficas.

CLOTTE, Jean; VALLADAS, Hélène, CACHIER, Hélène, ARNOLD, Maurice (1992) – Des dates pour Niaux et Gargas. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 89 (9): 270-274.

DIMUCCIO, Luca António; ZAMBALDI, Maurizio; ANGELUCCI, Diego E.; AUBRY, Thierry, RODRIGUES, Nelson; CUNHA, Lúcio (2022) – Facies and microfacies characterization of relict periglacial stratified slope deposits in the Côa Valley region (northeast Portugal). In *EGU General Assembly 2022, Vienna, Austria, 23-27 May 2022, EGU22-7380*.

GARCÍA DIEZ, Marcos; AUBRY, Thierry (2002) – Grafismo mueble en el Valle del Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus*, 55: 157-182.

GARCÍA DIEZ, Marcos; EGUIZABAL TORRE, Joaquín (2003) – La cueva de Covalanas: El grafismo rupestre y la definición de territorios gráficos en el Paleolítico cantábrico. Santander: Gobierno de Cantabria.

GUY, Emmanuel (2000) – Le style des figurations paléolithiques piquetées de la vallée du Côa (Portugal): premier essai de caractérisation. *L'Anthropologie*, 104 (3): 415-426.

JORGE, Susana O.; JORGE, Vítor O.; ALMEIDA, Carlos A.F. de; SANCHES, Maria de Jesus; SOEIRO Teresa (1981) – Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*, 3: 3-12.

LACERDA, Raquel (2022) – *Análise morfométrica da rede hidrográfica do Vale do Côa (Nordeste de Portugal): contribuição para o conhecimento geomorfológico*. Tese de Mestrado da Universidade de Aveiro, Geomateriais e Recursos Geológicos, do Departamento de Geociências.

LORBLANCHET, Michel; BAHN, Paul (1993) – Rock Art Studies: the post stylistic ear or where do we go from here? *Second AURA Congress, Cairn*. Londres: Oxbow.

LUÍS, Luís (2009) – Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P., Trabalhos de Arqueologia, 52, pp. 84-93.

LUÍS, Luís (2018) – As gravuras ainda não aprenderam a nadar: Impacto das cheias na arte rupestre do Vale do Côa entre 1996 e 2016. *Al-Madan online*. 22 (1): 10-27.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) – Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la Vallée du Côa. In ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino de, ed. – *Les premiers hommes modernes de la péninsule ibérique (Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP, Vila Nova de Foz Côa, 22-24*

Outubro 1998). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 17), pp. 275-280.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; SELLAMI, Farid (2006) – Fariseu: First confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*, 80: 310.

PETTITT, Paul; BAHN, Paul (2015) – An alternative chronology for the art of Chauvet cave. *Antiquity*, 89 (345): 542-553

PLISSON, Hugues (2009) – Analyse tracéologique de 4 pics d’Olga Grande : des outils pour les gravures de plein air ? In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 436-443.

RASMUSSEN, Sune O.; BIGLER, Matthias; BLOCKLEY, Simon P.; BLUNIER, Thomas; BUCHARDT, Susanne L.; CLAUSEN, Henrik B.; CVIJANOVIC, Ivana; DAHL-JENSEN, Dorthe; JOHNSEN, Sigfús J.; FISCHER, Hubertus; GKINIS, Vasileios; GUILLEVIC, Myriam; HOEK, Wim Z.; LOWE, J. John; PEDRO, Joel B.; POPP, Trevor; SEIERSTAD, Inger K.; STEFFENSEN, Jørgen Peder; SVENSSON, Anders M.; VALLELONGA, Paul; VINTHER, Bo M.; WALKER, Mike J. C.; WHEATLEY, Joe J.; WINSTRUP, Mai (2014) – A stratigraphic framework for abrupt climatic changes during the Last Glacial period based on three synchronized Greenland ice-core records: refining and extending the INTIMATE event stratigraphy. *Quaternary Science Review*, 106: 14-28.

RIVIÈRE, Émile (1897) – La grotte de la Mouthe (Dordogne). *Bulletin de la Société d’Anthrologie de Paris*, 8: 302-329.

SACCHI, Dominique (2002) – Propos liminaires. In SACCHI, Dominique, ed. – *L’art paléolithique à l’air libre. Le paysage modifié par l’image, Tautavel - Campôme, 7-9 octobre 1999*. Tautavel: GAEP, GÉOPRÉ (2002), pp. 7-11.

SANTOS, André Tomás (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).

SANTOS, André Tomás (2023) – A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds. – *Por este rio acima. Estudos em homenagem de António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Côa Parque - Fundação para a salvaguarda e valorização do Vale do Côa, pp. 55-115.

SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DIEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) – O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portvgalia*, 39: 5-96.

SANZ DE SANTUOLA, Marcelino (1880) – *Breves apuntes sobre algunos objetos prehistóricos de la provincia de Santander*. Real Academia de la Historia.

SELLAMI, Farid (2009) – Les données de la séquence stratigraphique du site de Fariseu : processus de déposition et d’érosion des dépôts en limite de la plaine alluviale de la vallée du Côa. In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P., (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 269-326.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



SERRA, João Limpo (1979) – *Anatomia, fisiologia e exterior dos animais domésticos*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco (Coleção Agros, 7).

VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) – TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*, 20 (5-9): 939-943.

WHITE, Randal; BOSINSKI Gerhard, BOURRILLON, Raphaëlle; CLOTTE, Jean; CONKEY, Margaret W.; CORCHÓN RODRIGUEZ, Soledad; CORTÉS-SÁNCHEZ, Miguel; DE LA RASILLA VIVES, Marco; DELLUC, Brigitte; DELLUC, Gilles; FERUGLIO, Valérie; FLOSS, Harald; FOUCHER, Pascal; FRITZ, Carole; FUENTES, Oscar; GARATE, Diego GONZÁLEZ GÓMEZ, Jesús; R. GONZÁLEZ-MORALES, Manuel; GONZÁLEZ-PUMARIEGA SOLIS, María; GROENEN, Marc; JAUBERT, Jacques; ARÁNZAZU MARTINEZ-AGUIRRE, María; MEDINA ALCAIDE, María-Ángeles; MORO ABADIA, Oscar; ONTAÑÓN PEREDO, Roberto; PAILLET-MAN-ESTIER, Elena; PAILLET, Patrick; PETROGNANI, Stéphane; PIGEAUD, Romain; PINÇON, Geneviève; PLASSARD, Frédéric; RIPOLL LÓPEZ, Sergio; RIVERO VILÁ, Olivia; ROBERT, Eric; RUIZ-REDONDO, Aitor; RUIZ LÓPEZ, Juan F.; SAN JUAN-FOUCHER, Cristina; SANCHIDRIÁN TORTI, José Luis; SAUVET, Georges; DOLORES SIMÓN-VALLEJO, María; TOSELLO, Gilles; UTRILLA, Pilar; VIALOU, Denis; WILLIS, Mark D. (2020) – Still no archaeological evidence that Neanderthals created Iberian cave art, *Journal of Human Evolution*, 144: 102640.

ZILHÃO, João (1995) – The age of the Côa valley (Portugal) rock art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of “scientific” dating to historic or proto-historic times”. *Antiquity*, 69 (266): 883-901

ZILHÃO João (coord.) (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.

ZILHÃO, João (2003) – Vers une chronologie plus fine du cycle ancien de l’art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail. In BALBÍN, Rodrigo de; BUENA RAMÍREZ, Primitiva, ed. - *El arte prehistórico desde los inicios del siglo XX: Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella. pp. 75-90.

Para mim, as pinturas ou gravuras existentes em rochas ao ar livre, abrigos ou grutas são unicamente um artefacto arqueológico e, como tal, deverão ser tratadas como todos os outros. Necessariamente terão de estar integradas no seu contexto arqueológico, que neste caso não é uma sucessão estratigráfica de sedimentos, mas antes diversos parâmetros analíticos a diversas escalas, iniciando-se sequencialmente do pormenor para o geral através da análise do motivo, seguindo-se o painel, o abrigo, o contexto arqueológico, o território e a paisagem pré-histórica. Claro que são um artefacto distinto, com uma carga ideológica inerente muito explícita, pois representam grafismos elaborados directamente pelo homem ou mulher pré-históricos, factor presente em todos os artefactos arqueológicos, mas que neste caso provoca uma emoção e uma sensação de contacto mais próximo e íntimo com o Passado.

Andrea Martins, 2014

